
O STALKING NA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: A PERSPECTIVA DAS VÍTIMAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

NATALICE DO CARMO LOPES

Juiz de Fora

2017

NATALICE DO CARMO LOPES

O STALKING NA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: A PERSPECTIVA DAS VÍTIMAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por Natalice do Carmo Lopes.

Orientador: Prof. Dr. Lelio Moura Lourenço

Juiz de Fora

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada em 17 de fevereiro de 2017 pela banca constituída
por:

Prof. Dr. Lelio Moura Lourenço
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Carla Ferreira de Paula Gebara
Universidade Católica de Petrópolis

Prof. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador e Professor Lélío Moura Lourenço, pela dedicação, paciência e carinho com que tem me ensinado desde a graduação;

A Coordenadora da Casa da Mulher, Rose França e as Delegadas Carolina e Ângela, por me acolherem e abrirem esse espaço tão rico para a realização deste trabalho;

Aos funcionários da Delegacia de Atendimento à Mulher, em especial a Deise, pela receptividade com que me receberam, pela ajuda e paciência no dia-a-dia;

As Mulheres Vítimas, por compartilharem suas experiências e sofrimentos, mesmo em um momento tão difícil;

Aos alunos Anna Alice e Matheus, pelo apoio e dedicação na realização da pesquisa;

Aos colegas da turma PPG 2015-2017, pela amizade, companheirismo, brincadeiras. Caminhar com vocês foi mais fácil;

Aos amigos, pela enorme paciência e por não deixarem de acreditar no meu trabalho;

A minha família, que mesmo sem entender o processo, embarcou comigo nessa nova etapa;

Aos colegas do NEVAS, pelos estudos e ensinamentos, fundamentais para a minha acadêmica e profissional;

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pelo apoio financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa;

A todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho foi realizado.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas

Tabela 2. Quem era e qual o sexo dos agressores/stalkers

Tabela 3. Comportamentos de *Stalking* dos quais as mulheres foram vítimas

Tabela 4. Tipo de Relacionamento

Tabela 5. Duração dos relacionamentos

Tabela 6. Comportamentos violentos relatados pelas vítimas

Tabela 7. Comportamentos de *Stalking* relatados pelas vítimas

Tabela 8. Quando começaram os comportamentos de *Stalking*

Tabela 9. O que motivavam os comportamentos de *Stalking*

Tabela 10. Em quais aspectos as situações de violência e *Stalking* afetaram a vítima

Tabela 11. O que motivou a procura de ajuda

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

1. APÊNDICE A - Questionário de Rastreio
2. APÊNDICE B - Questionário Socioeconômico
3. APÊNDICE C - Entrevista Semiestruturada
4. APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
5. ANEXO I - Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
6. ANEXO II – Declaração da Delegacia de Atendimento à Mulher para a Realização da Pesquisa
7. ANEXO III – Declaração da Casa da Mulher Centro de Referência para a Realização da Pesquisa

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Violência: Concepções Teóricas e Conceituais.....	3
1.2 Tipos de Violência.....	6
1.3 Violência Entre Parceiros Íntimos.....	8
1.3.1 A Mulher Como Vítima.....	11
1.3.2 A Lei Maria da Penha (11.340 2006)	12
1.4 Violência Contra a Mulher: Prevalência e Estudos.....	14
1.5 O <i>Stalking</i>	17
1.5.1 O <i>Stalking</i> : Conceito e Caracterização	19
1.5.2 Tipos de <i>Stalking</i>	22
1.6 O <i>Stalking</i> na Violência Entre Parceiros Íntimos	23
2.0 OBJETIVOS.....	27
2.1 Objetivo Geral.....	27
2.2 Objetivos Específicos.....	27
3.0 MÉTODO	28
3.1 Delineamento	28
3.2 Sujeitos	28
3.3 Instrumentais	29
3.4 Procedimentos	31
3.5 Aspectos Éticos	34
4.0 RESULTADOS	35
4.1 Perfil Socioeconômico.....	35
4.2 Questionário Para Identificação.....	38
4.3 Entrevistas Semiestruturadas	40
5.0 DISCUSSÃO.....	62
6.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
7.0 REFERÊNCIAS	75
8.0 ANEXOS	86

Lopes, N. C. (2017). O Stalking na Violência Entre Parceiros Íntimos: A Perspectiva das Vítimas. 105 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

RESUMO

O *stalking* ou assédio persistente em português, se configura como um tipo de violência interpessoal, caracterizada por formas de contato, assédio e perseguição persistente. Presente em todos os contextos, sua ocorrência se mostra predominante nas relações de intimidade, tendo a mulher como a principal vítima. Diante disso, o presente estudo buscou investigar por meio de entrevistas semiestruturadas, a ocorrência do *stalking* em mulheres que foram vítimas de Violência Entre Parceiros Íntimos (VPI) e que buscaram ajuda em uma Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher no período de março a Julho de 2017. Dentre os comportamentos violentos, estiveram presentes 3 (10%) tentativas de assassinato, 5 (16.6%) fraturas e ameaças de morte 16 (53.3%). Dentre os comportamentos característicos de *stalking*, se encontraram o controle de comportamentos, como impedir de fazer ou ter coisas 19 (63.3%), perseguir e assediar a vítima na porta do trabalho 8 (26.6%), procurar de forma insistente por meio de ligações 11(36.6%) e monitorar por meio de redes sociais, celular e mensagens 18 (60%). A grande variedade de estratégias usadas pelos *stalkers* para exercer o controle, perseguir e assediar as vítimas mostram que o *stalking* se caracteriza pela ocorrência de um conjunto variado de comportamentos e não apenas comportamentos isolados, evidenciando a dificuldade do agressor em manter a distância e aceitar o término em alguns casos, mostrando a importância de desocultar e reconhecer o *stalking* nesse contexto, ampliando a discussão para além do âmbito científico.

Palavras-Chave: *Stalking*, Violência Entre Parceiros Íntimos, Violência Contra a Mulher.

Lopes, N. C. (2017). O Stalking na Violência Entre Parceiros Íntimos: A Perspectiva das Vítimas. 105 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

ABSTRACT

Stalking, known in Portuguese as persistent harassment, shows itself as a kind of interpersonal violence characterized by means of contact, harassment and persistent pursuit. Existing in every social context, its occurrence is predominant in relations of intimacy, being the woman its primary victim. In this light, the present study tried to investigate, utilizing semi-structured interviews, the occurrence of stalking in women victims of Violence between Intimate Partners (VIP) who sought help in a specialized police station for women (Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher). Among the violent behaviors are observed 3 (10%) attempts of murder, 5 (16.6%) fractures and 16 (53.3%) death threats. Among the characteristic stalking behavior are observed behavioral control, like the preventing of doing or owning things by the victim, in 19 cases (63.3%), pursuit and harassment in the workplace in 8 (26.6%) cases, insistent telephone contact in 11 (36.6%) cases and monitoring by social network and cell phone messages in 18 (60%) cases. The great variety of strategies used by the stalkers to control, pursuit and harass the victims shows that stalking is characterized by the occurrence of a varied set of behaviors, not just isolated actions, demonstrating the difficult situation of the aggressor for coming to terms with the end of his relationship and to keep distance of his ex-partner in some cases. This exhibit the importance of bringing to light and recognize the stalking in these contexts in a way that could help foment the discussion of this phenomena in the scientific circle.

Keywords: stalking, violence between intimate partners, violence against the women

1. INTRODUÇÃO

A violência entre parceiros íntimos (VPI), considerada um tipo de violência interpessoal, já é muito discutida no âmbito científico, assim como suas formas de ocorrência, impacto e consequências para os envolvidos (Matos, 2006; Swan & Sullivan, 2009; Tondowski, Feijó, Silva, Gebara, Sanchez, Noto, 2014). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) aponta que a VPI pode se apresentar sob diversas formas, como agressão física, coerção sexual, abuso psicológico, intimidação, humilhação e controle de comportamentos, como isolar a pessoa de amigos e família, restringir o acesso a informação e assistência.

A VPI pode apresentar tanto a mulher quanto o homem como vítima, seja em relacionamento heterossexuais ou homoafetivos (Cezario & Lourenço, 2013). Entretanto, os estudos apontam que a mulher ainda é particularmente mais vulnerável a sofrer algum tipo de abuso por um parceiro, devido em partes, a normas culturais e a desigualdade de papéis entre homens e mulheres. (Sinclair, 2012; Reyns & Englebrecht, 2010; Ferreira & Matos, 2013).

Apesar dos muitos estudos envolvendo a VPI, pouca atenção tem sido dada ao *stalking* nesse contexto. Sem tradução para o português, o termo se refere a um assédio e perseguição de forma persistente. Entretanto, em função da maioria da literatura científica fazer uso do termo *stalking*, para se referir ao fenômeno, inclusive trabalhos em língua portuguesa, como o caso de Portugal, optou-se nesse trabalho por utilizar essa terminologia em detrimento de “assédio” ou “perseguição” (Matos, 2011; Fox, Nobles & Fisher, 2011).

Considerado uma forma de violência interpessoal, caracterizado por um padrão de comportamentos de assédio, perseguição, controle e monitorização de uma pessoa

alvo, esse tipo de violência tem como seu principal contexto de ocorrência, as relações de intimidade (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011a). Partindo de uma revisão sistemática da literatura sobre o *stalking* nas relações de intimidade, percebeu-se que o *stalking* nesse cenário é caracterizado por uma maior diversidade e frequência de estratégias por parte do agressor, e envolvem maior risco de violência física, sexual e emocional, além de maior risco de persistência e reincidência de comportamentos (Mohandie, Meloy, McGowan, & Williams, 2006).

A literatura aponta que as mulheres se encontram como as principais vítimas desse tipo de comportamento por seus parceiros ou ex-parceiros (Cattaneo, Cho, Botuck, 2011; Caldwell, Swan, Woodbrown, 2012; Breiding, Smith, Basile, Walter, Chen & Merrick, 2014). Esses comportamentos podem ser motivados por um desejo em manter ou retomar o controle sobre a vítima, reatar o relacionamento, ou movidos por vingança e retaliação, podendo ocorrer de forma mais frequente ou ser intensificado após a ruptura da relação (Ferreira & Matos, 2012).

Esses comportamentos podem acarretar diversas consequências, especialmente as mulheres, que se encontram mais vulneráveis a esse tipo de conduta. Danos emocionais e redução na qualidade de vida aparecem como algumas consequências dessa vitimização, além de danos financeiros, medo, desconfiança, nervosismo e agitação (Dressing, Kuehner & Gass, 2006). A percepção de risco dessas mulheres tende a diminuir quando são alvos de seus parceiros ou ex-parceiros em detrimento a pessoas estranhas, o que acarreta uma menor procura de ajuda e faz com essas mulheres se submetam por mais tempo a esses comportamentos violentos (Dennison & Thomson, 2005).

Diante desse cenário e devido à falta de estudos nacionais que abordem o tema, o presente estudo procurou investigar de forma exploratória a ocorrência dos

comportamentos do *stalking* dentro da violência entre parceiros íntimos, tendo a mulher como vítima, buscando compreender as experiências de VPI de forma mais ampliada, entendendo o papel que o *stalking* ocupa nesse contexto e como é vivenciado pelas vítimas.

1.1 Violência: Concepções Teóricas e Conceituais

A violência vem acompanhando todo o trajeto da humanidade, sendo caracterizada assim, como um fenômeno de complexa causalidade, variando de acordo com épocas, contextos e culturas, podendo aludir a diversas realidades. Neste sentido existe um crescente esforço teórico e metodológico para fornecer explicações e esclarecimentos sobre o fenômeno da violência, evidenciando sua magnitude, impacto a nível micro e macrossocial, sua incidência e prevalência (Brasil, 2005; Minayo, 2006; WHO, 2008).

Etiologicamente o termo provem do latim *violentia*, relacionado a *vis* e *violare*, portando os significados de “força em ação, força física, potência, essência, mas também de algo que viola, profana, transgride ou destrói.”, colocando em destaque o caráter essencialmente humano da violência (Xavier, 2008, p. 21). Ainda em 1994, Minayo apontava que as definições para a violência apresentadas pela literatura são amplas, variando de acordo com quem a define e para quais propósitos (Minayo, 1994). Contudo, a definição mais clássica e amplamente utilizada pela literatura é a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS).

A violência é definida pela OMS como “o uso da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (WHO, 2002, p. 4).

Yves Michaud (1989) conceitua a violência como sendo situações em que “um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais”. O Ministério da Saúde por meio do documento intitulado “Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências” ainda destaca que o ato violento pode ser praticado por um indivíduo, um grupo de indivíduos, uma comunidade, classe ou nação (Ministério da Saúde, 2001).

Partindo dessas definições, podemos perceber que mesmo em suas vicissitudes, tais definições apresentam como ponto comum a intencionalidade, por parte de quem pratica o ato violento, em causar danos a uma pessoa, grupo ou comunidade (Krug, 2002). Considerando que a intencionalidade no ato violento é uma característica essencialmente humana, a Psicologia Social busca explicar a origem e as bases da violência, por meio de algumas teorias. Tais teorias abordam os aspectos psicossociais desse fenômeno, alternando de acordo com o foco dado a determinadas variáveis (Myers, 2014).

Partindo dessa distinção, podemos destacar dentro da Psicologia Social três principais abordagens sobre a concepção da violência: (a) a violência seria inata, constitutiva da natureza humana; (b) a violência seria uma resposta a estímulos externos, determinada, portanto pelo ambiente; (c) a violência seria aprendida, abarcando fatores individuais, culturais e ambientais (Rodrigues, Assmar e Jablonskil, 2009).

De acordo com os autores que defendem a perspectiva da violência como algo inato, conhecida como abordagem inatista, encontramos Freud e a Teoria Psicanalítica do Instinto-Pulsão. Para Freud a agressão humana estaria ligada a energia pulsional,

esse acúmulo de energia deve ser dirigida a algum objeto, interno ou externo, não podendo ser acumulada no aparelho psíquico. Uma das formas de expressão dessa pulsão é por meio dos comportamentos agressivos, sejam estes dirigidos a si mesmo ou a terceiros (Freud, 1930/1980).

Para os autores que propõe a concepção de violência como sendo uma resposta a estímulos externos, se encontram os behavioristas, como Skinner. Para estes, o organismo está submetido aos estímulos do meio, e suas respostas se darão partindo desses estímulos. O organismo então, apenas reagiria aos estímulos recebidos de forma agressiva ou não, modelando o seu comportamento através desses estímulos externos (Kristensen, Lima, Ferlin, Flores & Hackmann, 2003).

Como representantes da abordagem da violência baseada em fatores individuais, culturais e ambientais, encontramos a Teoria Sistêmica e Ecológica de Bronfenbrenner, apontando que a violência possui múltiplas determinações, englobando forças que atuam no indivíduo, na família, na comunidade e na cultura, abarcando dentro dessa concepção os macros e micros sistemas em que os indivíduos estão inseridos (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Albert Bandura é outro representante dessa abordagem, que por meio da sua Teoria Social Cognitiva buscou explicar os comportamentos violentos através da observação e aprendizagem. Esse estudo apontou que crianças aprendem por meio de observação e imitação de modelos cognitivos frente a eventos violentos, evidenciando a importância das variáveis cognição, ambiente e comportamentos para a avaliação e interpretação de eventos e aquisição de novas condutas (Bandura, Ross & Ross, 1963).

1.2 Tipos de Violência

Após a exposição das diferentes concepções das bases da violência e suas definições, podemos dividi-la e entendê-la a partir de suas tipologias. Elas podem ser classificadas em três categorias: a violência auto infligida; a violência interpessoal; e a violência coletiva (Brasil, 2005; Krug et al, 2002)

A violência auto infligida seria a violência dirigida contra si, englobando os comportamentos suicidas (pensamentos suicidas, tentativas e o suicídio em si), e de autoabuso (agressão a si e automutilação). A violência interpessoal, que engloba a violência familiar, a violência entre parceiros íntimos e a violência comunitária, sendo que as duas primeiras ocorrem entre parceiros íntimos, familiares e predominantemente em ambientes domésticos, e a última envolve pessoas sem laços afetivos. A violência coletiva, geralmente cometida por um grande número de pessoas, são caracterizadas em geral pelo exercício do poder e dominação de um grupo sobre outro, e pode ser ilustrado por conflitos políticos, guerras e ataques terroristas, sendo subdivida em violência social, política e econômica (Krug et al, 2002).

Além de classificar as tipologias da violência, a Organização Mundial da Saúde também nos apresenta uma divisão pautada na natureza dos atos violentos, dividindo-a em violência física, psicológica, sexual, privação ou negligência (WHO, 2002). No que concerne ao Brasil, o código penal, por meio da Lei 11.340 de 2006, apresenta uma divisão mais detalhada da natureza da violência: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, sendo definida como:

I - violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e

diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (Lei 11.340, 2006, p. 17)

A divisão apresentada é pautada nos prejuízos causados pelos atos violentos para se definir a sua natureza, reduzindo a complexidade de alguns comportamentos, que mesmo não estando diretamente ligados a danos específicos, como por exemplo danos emocionais e diminuição da autoestima presentes na violência psicológica, configuram atos violentos. Essas divisões ainda se mostram incompletas, pois abordam de forma desintegrada um fenômeno que já vem ganhando destaque e sendo objeto de muitos estudos, o *stalking*. Sua natureza múltipla, dinâmica e continuada não permite que seja definido e identificado a partir de comportamentos isolados ou típicos, mas é essencial o caráter cumulativo e contextualizados dos comportamentos, havendo a

tentativa de reunir em um único conceito, variados comportamentos que já estão presentes no dia-a-dia, mas que analisados em conjunto se tornam problemáticos. Sendo assim, não se classificaria como um subtipo de violência psicológica, mas como um tipo específico de violência relacional. Muitos estudos já trazem o *stalking* em suas divisões, assim como a violência física, psicológica e sexual (Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2011; Breiding & Armour, 2015; Deitch-Stackhouse, Kenneavy, Thayer, Berkowitz & Mascari, 2015).

1.3 Violência Entre Parceiros Íntimos

Na literatura podemos encontrar diferentes nomenclaturas para designar essa forma de violência, como *violência doméstica*, *violência intrafamiliar*, *violência conjugal*, *violência no namoro*, *violência de gênero*, dentre outras. Entretanto, faz-se necessário uma distinção destes termos para melhor compreensão do trabalho e das ideias desenvolvidas. O termo violência doméstica, comumente é usado para se referir a violência que ocorre entre casais, em especial a violência perpetrada pelo homem contra a mulher. Entretanto, esse termo engloba todos os tipos de relações violentas que ocorrem entre as pessoas que convivem no ambiente doméstico, incluindo assim, além de pai, mãe, avós, filhos, também os agregados e empregados. Dentro da violência doméstica, podemos encontrar a violência contra a criança e adolescente, contra o idoso, e contra a mulher (Johnson, 2009; Stelko, Pereira & Williams, 2010).

Já a violência intrafamiliar diz respeito a violência que ocorre entre membros de uma mesma família, podendo ocorrer em ambiente doméstico ou não. A violência de gênero, se refere ao ato agressivo baseado no gênero, que tem comumente como vítima a mulher. A violência no namoro ainda é um termo novo, guardando assim algumas

peculiaridades, e a violência conjugal, que se refere a violência ocorrida entre casais (Stelko et al, 2010). No presente estudo adotaremos a nomenclatura Violência entre Parceiros Íntimos.

A violência Entre Parceiros Íntimos é definida assim como “qualquer comportamento dentro de uma relação íntima, que cause dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (WHO, 2010). Ao se referir a “relação íntima”, essa definição não se limita a relações heterossexuais, englobando relacionamentos homoafetivos, além de considerar também relacionamentos que já terminaram.

Considerada um subtipo de violência interpessoal, a violência em relações de intimidade apresenta um caráter essencialmente diádico. Essa forma de violência está presente em todas os países, culturas, em todos os níveis da sociedade, sem distinção de grupos, classes sociais ou etnias, podendo ocorrer sob a forma de agressão física, coerção sexual, humilhação e ofensas, controle de comportamentos ou isolamento da vítima de seus parentes e amigos (Breiding, Basile, Smith, Black, & Mahendra, 2015).

Grande parte dos estudos sobre a temática, centram na identificação da natureza dos atos violentos que ocorrem entre os casais (violência física, sexual, psicológica, *stalking*), sua frequência e gravidade, abordando o problema de forma unidirecional, ignorando assim outros aspectos essenciais para se entender as relações agressivas, como o contexto em que os atos violentos correm, quais as suas motivações, além das características da díade (Reichenheim, Souza, Moraes, Jorge, Silva, & Minayo, 2011; Menés, Puig & Sobrino, 2014; Lee, Weber, & Kah, 2014).

Johnson et al. (2009), pautado nos aspectos acima, propôs uma divisão tipológica da violência entre casais: o terrorismo íntimo, a resistência violenta, a violência situacional, e o controle mutuo.

- No terrorismo íntimo existe um padrão de comportamentos em que são usadas estratégias de controle e coerção do parceiro por meio de ameaças, intimidação, minimização da violência, além de um isolamento e monitoramento da vítima. Por se caracterizar por um padrão de controle e coerção e, não por formas de violência explícita, sua identificação e reconhecimento como atos violentos são mais difíceis de serem feitos.

- Na resistência violenta, a vítima se utiliza de estratégias violentas para se defender, interromper o agressor ou discordar de sua conduta, sendo vista como uma reação frente as situações de terrorismo íntimo causado pelo agressor e não uma tentativa de obter o controle sobre o parceiro.

- Na violência situacional o uso da violência ocorre em momentos específicos de tensão entre o casal, sendo utilizada muitas vezes como estratégia para solucionar o conflito, ser ouvido pelo parceiro ou fazer prevalecer sua vontade. Podem estar presentes várias condutas violentas ou uma única conduta, podendo também ser utilizada de forma contínua como estratégia para a resolução de conflitos quando esses aparecem.

- No controle violento, o uso da violência é feito para controlar o parceiro e ocorreria de forma mútua. A tipologia apresentada por Johnson (2006) difere das demais pois sua classificação é pautada no contexto relacional e nas características da díade, estando essa divisão intimamente relacionada a identificação do *stalking*, uma vez que a sua caracterização e o seu reconhecimento se dá levando em conta um padrão de comportamentos, o contexto de ocorrência e as motivações, além da identificação das características da díade.

1.3.1 A Mulher Como Vítima

A definição do que seja a violência entre parceiros íntimos, não limita apenas a mulher como vítima e o homem como perpetrador, admitindo a complexidade e multidimensionalidade do tema (Cezario & Lourenço, 2014). Entretanto, grande parte dos estudos apontam que a prevalência da VPI, suas formas, contextos e motivações se processam de forma diferente entre homens e mulher, sendo, contudo mais severa às mulheres, estando estas mais vulneráveis a violência, seja na esfera doméstica, afetiva e familiar (Breiding et al., 2014; Matos, Condé & Peixoto, 2013).

Algumas abordagens, representadas pelas teorias feministas, defendem a ideia de que as mulheres se encontram culturalmente em posições de poder desiguais dentro do relacionamento e argumentam que o estudo e entendimento do poder e do abuso de poder dentro dos relacionamentos íntimos são fundamentais para entender a ocorrência da VPI e porque seus resultados são mais severos às mulheres do que aos homens (Bandeira, 2009; Caldwell, Swan & Woodbrown, 2012).

A violência contra a mulher foi durante muito tempo aceita e justificada socialmente, pautada na ideia da superioridade masculina. Entretanto, o tema da violência contra a mulher recebeu grande destaque a partir da celebração do Primeiro Dia Internacional da Mulher, promovido pela Organização Mundial da Saúde em 1975. A partir dessa celebração, as discussões sobre a temática ganharam destaque, começando então uma mobilização para a mudança desta realidade. Porém, foi apenas em 1993 que houve a proposta de medidas para coibir a violência contra a mulher, por meio da Comissão de Direitos Humanos (Blay, 2003; Lima, Büchelle & Clímaco, 2008).

Foi instituído também em 1999 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, o dia Internacional de Eliminação da Violência Contra a Mulher, celebrado em 25 de novembro, em homenagem a três irmãs mortas no ano de 1960, na República Dominicana, por seus ativismos políticos frente a questões concernentes a violência contra mulher (Waiselfisz, 2015).

No Brasil a violência contra a mulher ganhou destaque a partir dos movimentos feministas, que amparados pelas teorias feministas em voga, se desenvolveram a partir da década de 1970. Porém, após quase 50 anos o cenário brasileiro ainda é de muita luta e mobilização frente a essa realidade. Um dos maiores desafios enfrentados é a da conscientização da população sobre a equidade entre homens e mulheres e a garantia dos direitos humanos destinados as mulheres em todas as faces e dimensões (Matos, Conde & Peixoto, 2013).

Frente a esse cenário e reconhecido como grande problema social e de saúde pública, em agosto de 2006 foi elaborada pela Secretária de Políticas para Mulheres a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, com o intuito de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Essa lei é considerada desde a sua criação, um importante avanço nos serviços e políticas públicas destinados a mulheres (CNJ, 2013).

1.3.2 Lei Maria da Penha (11.340-2006)

A Lei 11.340 de 2006, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha, recebeu esse nome em homenagem a Maria da Penha, uma das muitas vítimas de violência por parte de seu parceiro íntimo no Brasil. Maria da Penha ficou conhecida

após sofrer tentativas de assassinato por parte de seu marido. Essas violências resultaram em graves lesões à vítima, causando danos irreversíveis a sua saúde. Após protagonizar esse marcante caso de violência praticado pelo parceiro íntimo, Maria da Penha se tornou um símbolo do combate à violência contra a mulher.

A criação desta lei foi considerada um importante marco nessa luta, trazendo relevantes avanços legislativos, pois considera esse tipo de violência como violação dos direitos humanos, trazendo em si uma definição própria do que seja violência doméstica contra a mulher, independentes de sua orientação sexual, e levando o assunto da esfera privada para a pública (CNJ, 2013).

Outros avanços trazidos pela lei, foi a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, a possibilidade da concessão de medidas protetivas de urgência á vítimas, a proibição da aplicação de penas pecuniárias aos homens e o estabelecimento de medidas de caráter cível, trabalhista, assistencial e psicossocial, além da criação de uma estrutura de serviços especializados para o atendimento desses casos, como as Delegacia de Atendimento à Mulher (Brandão, 2006).

Como mencionado anteriormente, a lei também traz uma divisão própria da natureza dos atos violentos, apresentada de forma mais detalhada, incluindo além da violência física, sexual e psicológica, a violência moral e patrimonial. Essas duas incluem a calúnia, difamação e injúria, além da retenção, subtração ou destruição de bens (Machado, Rodrigues, Prol, Silva, Ganzarolli & Elias, 2014).

De acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2013), desde a criação da lei até o ano de 2012, foram criadas 66 varas ou juizados com competência específica para atuar nos crimes previstos na lei e nos danos cíveis decorrentes dessa violência. De 2006 a 2011 foram também distribuídos 685.905 procedimentos, realizadas 304.696

audiências, efetuadas 26.416 prisões em flagrantes, 4.146 prisões preventivas e 278.364 medidas protetivas de urgência.

O Data Senado realizou em 2013 uma pesquisa apontando que 99% das mulheres entrevistadas já ouviram falar da Lei Maria da Penha desde a sua criação, sendo que 66% dessas mulheres se sentem mais protegidas após o seu advento. Entretanto, 63% das mulheres sentiam que a violência contra a mulher aumentou. Podemos atribuir esses dados ao possível aumento da visibilidade dos casos de violência, aumento do número de denúncias e aumento das discussões e debates acerca da violência contra a mulher que surgiram com o advento da lei. Já na pesquisa realizada em 2015, o número de mulheres que se sentiam mais protegidas com a criação da lei, caiu para 53% (Senado Federal, 2015).

1.4 A Violência Contra a Mulher: Prevalência e Estudos

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (2010) apresentados entre 2006 e 2010, o Brasil se encontra entre os dez países com maior taxa de feminicídio do mundo. Ainda de acordo com o Plano Nacional de Políticas para Mulheres “Esse dado é ainda mais alarmante quando se verifica que, em geral, o homicídio contra as mulheres é cometido por homens, em sua maioria com quem a vítima possui uma relação afetiva, utilizando arma de fogo ou objeto cortante/penetrante e realizado nas próprias residências” (Brasil, 2013).

Caldwell, Swan & Woodbrown (2012), realizaram uma revisão de literatura em que comparou as formas de ocorrência e os resultados da violência entre parceiros íntimos para os homens e para as mulheres. A pesar de homens também sofrerem com atos violentos, as mulheres são mais propensas a sofrerem injúria ou serem mortas por

seus companheiros, além de sentirem mais os efeitos negativos da violência, como maior incidência de estresse pós-traumático, depressão e menor satisfação no relacionamento.

De acordo com pesquisas realizadas pelo Data Senado (2015), cerca de 18% das mulheres já relataram terem sido vítimas de violência doméstica em algum momento da vida, sendo que a primeira agressão tende a ocorrer na juventude, entre 20 e 29 anos. Esse estudo aponta que o maior agressor ainda é o companheiro ou ex-companheiro, corroborando os dados da literatura. Cerca de 49% das mulheres vítimas de violência doméstica tiveram como agressor o próprio marido, 21% tiveram como agressor o ex-marido, ex-namorado ou ex-companheiro e 3% tiveram como agressor o namorado. Ainda sobre as possíveis motivações para as agressões, as vítimas apontaram o consumo de álcool e ciúmes, com 19% e 21% respectivamente.

O mapa da violência de 2015 corrobora esses achados, apontando que entre as mulheres jovens e adultas (18 a 59 anos) os principais agressores ainda são o companheiro ou ex-companheiro, relatado em metade dos casos registrados. Dentre os tipos de agressão mais comuns, a agressão física ainda aparece com mais frequência, seguidos da violência psicológica e sexual, sendo que há reincidência em metade dos casos de violência, mostrando que a violência contra a mulher é mais sistemática e repetitiva (Waiselfisz et al., 2015).

Em um estudo realizado por Carvalho (2012), buscou-se analisar os autos de notícias e denúncias da violência doméstica, bem como as análises dos conteúdos das descrições narrativas dos fatos. Além dos achados que corroboram grande parte da literatura, apresentando a mulher como principal vítima e o homem como seu agressor, também foram apontados como principais resultados a falta de atenção em geral dada pelos policiais para o fato do agressor residir ou não com a vítima, além da atenção

dispensada a cada caso estar ligado a presença ou não de agressão física, o que evidencia a crença dos policiais sobre a violência física se apresentar como mais grave e danosa.

Outro importante fator apontado pelos estudos se refere as crenças dos profissionais que atuam nos serviços de ajuda às vítimas da violência entre parceiros íntimos, pautada na ideia de que esses são assuntos de foro privado, sendo resolvido entre os parceiros da relação. Esses estudos também apontam a existência de estereótipos e a legitimação dos atos violentos, sendo estes justificada pelo uso de álcool, pelo estado alterado do agressor ou ainda pela pobreza, além da culpabilização da vítima (Lourenço, 1998). Evidencia-se assim a necessidade de erradicar essas crenças e estereótipos, além de orientações para esses profissionais no sentido de compreender as queixas apresentadas pelas vítimas e os contextos psicológicos e sociais que os maus tratos acontecem (Carvalho, 2012; Machado, et al., 2009).

As mulheres aparecem também como maiores vítimas do *stalking*, tanto no contexto das relações íntimas quanto fora destes (Sinclair, 2012; Swan, & Sullivan, 2009). Geralmente, as mulheres vítimas do *stalking* nas relações de intimidade, são perseguidas e assediadas por um parceiro ou ex- parceiros, com o objetivo de manter contato e aproximação ou como uma procura persistente na busca de reatar ou não aceitar o fim do relacionamento (Senkans, McEwana, Skues, & Ogloff, 2016). Esses comportamentos em geral estão associados a ocorrência de ameaças e agressão física, sendo que os riscos para essas mulheres aumentam, a medida que o tempo de ocorrência desses comportamentos aumentam (Reyns & Englebrecht, 2010).

Entretanto, essa forma de violência contra a mulher se torna problemática, comparado aos outros tipos, pois ainda há a romantização desses comportamentos, sendo legitimados socialmente e em alguns casos até esperado, o que dificulta a sua

identificação e o seu reconhecimento enquanto um tipo de violência que pode causar sérios danos as vítimas (Patton, Nobles, & Fox, 2010; Matos et al., 2011). Sendo assim, é essencial a compreensão desse fenômeno, e o seu reconhecimento dentro da violência entre parceiros íntimos, principalmente ao se considerar as diversas formas de violência que ocorrem contra a mulher.

1.5 O Stalking

O *stalking* pode ser entendido como comportamentos de assédio, perseguição e controle, de forma repetida e persistente, que se fazem por meio de comunicação, contato, vigilância e monitorização, podendo incluir atos aparentemente inofensivos, até declaradamente intimidatórios (Matos et al., 2011).

Apesar de não ser um fenômeno novo, e estar presente em várias sociedades desde tempos remotos, só atualmente o *stalking* recebeu destaque e maior direcionamento dos estudos, sendo considerado um problema social, legal e de saúde pública. O tema começou a adquirir visibilidade no final do século XX, despertando maior interesse e empenho na sua investigação (Williams & Frieze, 2005). O *stalking* começou a ser debatido inicialmente no mundo artístico, com o denominado “*Star Stalking*”, onde se relatavam a perseguição de fãs a artistas. Essas perseguições muitas vezes culminavam em atos violentos e crimes fatais. Devido a atenção da mídia a esses casos, outros episódios de assédio e perseguição a pessoas famosas, tanto por fãs como por pessoas que possuíam vínculos afetivos, começaram a aparecer e o *stalking* passou então a ganhar destaque, surgindo como uma nova categoria de vitimização (Carvalho, 2011; Grangeia & Matos, 2011).

Esse fenômeno, antes associado exclusivamente a celebridades, passou a ser relacionado a situações de violência doméstica contra mulheres. Percebeu-se que grande parte das mulheres que foram vítimas de violência doméstica também relatavam terem sido perseguidas por seus parceiros, ex parceiros ou alguém com quem mantinham alguma relação de intimidade (Haugaard & Seri, 2004).

Nos Estados Unidos, o *stalking* passou da esfera midiática e artística para a sociedade civil, após a morte de cinco mulheres por seus ex-parceiros. Todas essas mulheres foram perseguidas, ameaçadas e sofreram uma campanha de assédio por seus ex-companheiros, antes de serem assassinadas. Tal fato, deu origem a um movimento de desocultação do fenômeno, seu reconhecimento como uma violência interpessoal e a necessidade de se legislar sobre o assunto, criando leis que criminalizavam tais condutas (Carvalho, 2011; Fazio, 2009).

O movimento de desocultação do tema, fez com que sua discussão se estendesse a esfera legal e científica. Na esfera legal, houve uma mobilização para algumas importantes mudanças legislativas, como o reconhecimento do *stalking* enquanto um fenômeno de justiça criminal. Também a comunidade científica passou a destinar mais atenção a esse fenômeno, gerando discussões e problematizações acerca do tema, o que contribuiu muito para grandes esclarecimentos sobre o *stalking*. Importantes avanços foram feitos nos últimos anos no sentido de compreender a dimensão do problema, sua caracterização, dinâmica e contextos de ocorrência (Matos, Gageira, Fernandes, Ribeiro, Relvas & Carvalho, 2013; Pereira, 2014).

No âmbito científico, Portugal tem se destacado, gerando notáveis avanços sobre a temática e contribuindo para dar visibilidade e esclarecimentos ao fenômeno. Portugal conta com o Grupo de Investigação Sobre Stalking (GISP), que realiza estudos sistemáticos sobre o tema e geram importantes frutos, como o desenvolvimento de um

manual destinado aos profissionais que atuam de forma direta ou indireta com vítimas de *stalking*, intitulado “Stalking: Boas práticas de apoio à vítima”, além de desenvolverem o “Inventário de Vitimização Por Stalking (IVS)” com o intuito de mapear e caracterizar as vítimas desses comportamentos (Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo, 2011a; Matos, Grangeia, Ferreira & Azevedo 2011b; Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2010).

No cenário brasileiro, os estudos ainda são escassos, e o reconhecimento do *stalking* enquanto tipo de violência interpessoal merecem atenção. Em um estudo realizado por Acosta (2015), mostrou os tipos de violências sofridas por mulheres através da análise dos registros de uma delegacia de atendimento à mulher, descrevendo os comportamentos característicos de *stalking*, sendo abordados entretanto, como tipos de violência psicológica. O mesmo foi realizado em estudo de Carvalho (2010), onde foi feito o mapeamento de comportamentos violentos dirigidos às mulheres, feito a identificação de comportamentos de *stalking*, não sendo contudo, identificados como tal (Carvalho, Destro, Faust, Coelho & Boing, 2010; Acosta, Gomes, Fonseca & Gomes, 2015). Assim, a legislação brasileira não o reconhece como um tipo de violência específica, mas classifica alguns dos comportamentos que o caracterizam como um subtipo de violência psicológica, deixando de abarcar-lo de forma completa, segundo a Lei 11.340 (2006).

1.5.1 **Stalking: Conceito e Caracterização**

A palavra *stalking* vem do inglês, e tem sua origem no termo *To Stalk*, que diz respeito ao predador que espreita, vigia, se aproxima da presa e a segue sem ser percebido. Esse termo, usado originalmente para designar comportamentos do reino animal, carrega em si um caráter intimidatório e violento (Petherick, 2008). Embora sem tradução para a língua portuguesa, o fenômeno do *stalking* é correntemente referido

como um assédio ou perseguição persistente (Dressing, Kuehner & Gass, 2006; Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2010).

Matos et al., (2011) define o fenômeno como “Um padrão de comportamento de assédio persistente que se traduz em formas diversas de comunicação, contato, vigilância, e monitorização de uma pessoa alvo” (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011, p. 17). Reconhecido como um tipo de violência interpessoal, é um tipo específico de violência, altamente relacionada com outros tipos (Basile & Hall, 2011).

O *stalking* se caracteriza por uma campanha de assédio de forma persistente, que se prolonga no tempo e que envolve um *continuum* de comportamentos variados, ocorrendo de forma intrusiva e indesejada, causando significativos prejuízos ao bem estar da vítima. Ainda de acordo com Mattos et al., (2011) esse conjunto de ações são rotineiras e persistentes, e podem assumir uma variedade de comportamentos, desde os que apresentam caráter aparentemente inofensivo, como mandar presentes de forma constante, telefonar, mandar mensagens, até os comportamentos declaradamente intimidatórios, como ameaças, violência física e sexual.

Alguns desses comportamentos, em diferentes contextos podem ser vistos como inofensivos, aceitáveis e até desejáveis, visto que analisados de forma isolada, podem ser considerados comportamentos românticos, de cortesia e lisonja, pautados em uma lógica da sociedade patriarcal, onde o homem culturalmente exerce seu poder sobre a mulher (Ferreira, 2013).

No Estados Unidos o *stalking* passou a ser definido como um padrão de comportamento, na qual a intencionalidade de quem pratica o ato, o medo causado na vítima, a repetição e sucessões desses comportamentos no tempo são características fundamentais para se definir uma conduta de *stalking*. Na definição legal, temos a necessidade de manter de forma recorrente uma proximidade visual ou física de outra

pessoa, realizar ameaças verbais ou escritas, comportamentos intimidatórios, ou o conjunto de todas estas situações dirigidas a uma pessoa alvo, de forma repetida. É importante sublinhar a necessidade de tais comportamentos ocorrerem duas ou mais vezes (Luz, 2012).

A Dinamarca foi o primeiro país europeu a legislar sobre o tema, criminalizando as condutas de assédio sobre outrem desde 1912 em seu código penal, sendo alterado posteriormente para que os casos mais graves também fossem abarcados pelo mesmo código. Na Austrália, o *stalking* é definido em termos de proximidade do perseguidor com a vítima, a persistência e constância nos atos praticados e o prejuízo causado a vítima devido as situações que levariam ao estresse. No Reino Unido, uma forte campanha de conscientização a nível nacional foi realizada, para chamar atenção a princípio para os casos de *stalking* com pessoas do meio artístico por seus fãs, resultando em uma legislação que abarca as situações de assédio persistente e situações de medo sobre a vítima (Luz et al., 2012).

Devido ao caráter subjetivo que permeiam as condutas que caracterizam o *stalking*, nos deparamos com a dificuldade em determinar qual o limite entre demonstração de afeto e nomeadamente as condutas de *stalking*, sendo que essa percepção entre o limite de atos aceitáveis a atos ilícitos está atravessado por influências culturais e pelas relações estabelecidas entre os sujeitos (Dennison & Thomson, 2005). Dessa forma, discussões sobre o tema centram-se sob a relevância de considerar ou não a intencionalidade de quem pratica a perseguição, a presença do medo e as consequências para a vítima (Luz et al., 2012; Fernandes, 2013).

Alguns estudos ainda tentam explicitar a ocorrência do *stalking*, sua dinâmica, seus comportamentos inerentes, formas de ocorrência, suas vítimas e o impacto dessa violência para as mesmas (Carvalho et al., 2011; Ferreira et al., 2013). Algumas

questões se apresentam centrais nas discussões como compreender quais as motivações estão envolvidas, quais as violências estão mais presentes nesses contextos, quais os comportamentos estão envolvidos e quem se apresenta como vítima e como *stalker* (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2012).

1.5.2 Tipos de Stalker:

O *Stalking* pode estar presente em todos os lugares e relações, podendo ocorrer no ambiente de trabalho, entre conhecidos, por parceiros íntimos, vizinhos, amigos e/ou desconhecidos. Matos et al., (2011) em seu manual destinado aos profissionais que atuam de forma direta ou indireta com vítimas de *stalking*, aponta alguns tipos de *stalker* e suas motivações, classificando-os em:

- *Stalker* rejeitado: sendo caracterizado de forma geral por homens que perseguem suas ex-companheiras, buscando reatar a relação de intimidade, apresentando-se como mais insistente ou intrusivo;
- *Stalker* ressentido: caracteriza-se por um desejo de vingança dirigido a uma pessoa ou um grupo, usando frequentemente a ameaça;
- O *Stalker* em busca de intimidade: caracterizado por uma busca persistente pelo estabelecimento de uma relação íntima, no geral idealizada pelo *stalker*, onde em sua maioria as vítimas não matem qualquer relação com o *stalker*;
- O *stalker* inadequado: é aquele em que se busca uma proximidade com o alvo com o propósito de se iniciar uma relação devido a atração do *stalker* com a vítima;
- O *stalker* predador: em que o objetivo é a agressão sexual ao alvo, que de forma geral é alguém desconhecido e do qual o *stalker* busca informações.

Matos et al., (2011), também classifica os tipos de vítimas do *stalking* e as relações em que estas acontecem:

- As vítimas de ex-parceiros em que ocorrem o maior número de comportamentos de *stalking* e com uma duração maior no tempo, sendo também mais comum a ocorrência da ameaça e agressão física;
- As vítimas de conhecidos ou amigo, se caracterizam por um déficit nas competências sociais, onde o *stalker* busca estabelecer relações com o alvo, apresentando em geral curta duração;
- As vítimas em contexto laboral são motivadas por desejos de vingança ou vontade de iniciar uma relação de intimidade, e geralmente apresentam graves violência associadas;
- A vítima de desconhecidos em que um medo acentuado está presente, porém não é o mais perigoso e existe um risco menor de ocorrer condutas violentas, em oposição às vítimas de ex-parceiros;
- Nas celebridades vítimas, o *stalker* apresenta o intuito de estabelecer relações, vingança ou obter favores;

1.6 O Stalking na Violência Entre Parceiros Íntimos

Apesar do *stalking* estar presente em muitos contextos e se apresentar de diversas formas, a literatura é convergente ao apontar esses comportamentos nas relações íntimas como uma das formas mais comuns e mais perigosas, causando maior sentimento de medo e mais danos as vítimas. Estudos internacionais apontam que cerca de 80% de todos os casos de *stalking* envolvem pessoas que estão ou estiveram intimamente envolvidos, levando a concluir que grande parte dos comportamentos de

assédio e perseguição ocorrem em contextos de relacionamento íntimo (Straus, 2004; Melton, 2007; Roberts, 2005).

Algumas das características dessas relações de intimidade podem atuar como preditores da ocorrência ou não do *stalking* (Roberts et al, 2005). Um dos fatores de risco para a ocorrência do *stalking* é ter finalizado um relacionamento íntimo, ser mulher e jovem. Esse risco aumenta quando o parceiro ou ex parceiro é um homem (Cho, Hong & Logan, 2012). Esses comportamentos decorrem em sua maioria, da ruptura das relações entre casais, associados muitas vezes ao sentimento de rejeição, vingança e ao desejo do parceiro de exercer ou manter o poder e controle sobre o outro (Ferreira & Matos, 2013; Gangreia & Matos, 2012).

Nos relacionamentos abusivos, os riscos da ocorrência do *stalking* após o termino aumentam, acentuando ainda a natureza prolongada dos comportamentos como telefonemas indesejados, tentativas de obter informações pessoais, abordagens indiretas e controle de comportamentos. Assim também, a ocorrência de comportamentos mais graves como a presença de ameaças, aumentam as chances da ocorrência de agressão física (Ferreira et al., 2012).

A violência física, sexual, psicológica e a perseguição, presentes na violência entre parceiros íntimos ocorre de forma mútua onde cada tipo atua de maneira a potencializar a ocorrência das demais (Basile, Hall & Walters, 2013). Neste sentido, em um estudo realizado por Fox (2011) apontou-se a relação preditiva entre o aprendizado social, vitimização e a perpetração do *stalking*, e a correlação entre comportamentos, atitudes e repostas aprendidas, passíveis de modificação e reforço entre os pares (Fox, Nobles & Akers, 2011).

A literatura é convergente ao apontar a mulher como a maior vítima do *stalking* nas relações de intimidade, sendo também a maior vítima da violência entre parceiros íntimos em todas as suas formas (Basile, Hall & Walters, 2013; Cho, Hong & Logan, 2012;). Entretanto, o *stalking* dirigido a mulher ainda é legitimado em muitas sociedades, sendo considerado como atos saudáveis e aceitos, interpretados como cortesia e lisonja, ignorando seu caráter nocivo e as consequências desses atos para a saúde e bem-estar da vítima. Essa visão ainda muito difundida, exclui também o caráter indesejado da perseguição, ponto este, central para muitas definições apresentadas sobre esse fenômeno (Dennison & Thomson, 2005; Dressing, 2006).

Estudos realizados por Kuehner et al. (2012), em uma comunidade Alemã apontam o impacto do *stalking* na saúde mental de homens e mulheres. Esse estudo foi realizado com 665 pessoas de ambos os sexos, onde corroborando estudos anteriores, das 78 pessoas que se identificaram como vítimas do *stalking*, 68 eram mulheres, sendo que essas mulheres foram perseguidas quase que exclusivamente por homens. As mulheres também sofreram mais agressões físicas e sexuais comparada aos homens. Os históricos de vitimização por parte dessas pessoas estavam ligados a diminuição do bem-estar geral, o aumento de sintomas depressivos, ansiosos e aumento do estresse (Kuehner, Gass & Dressing, 2012).

Matos et al, 2011, realizaram um estudo representativo da população portuguesas, apontando que, desse modo, a ocorrência do *stalking* na violência entre parceiros íntimos, pode gerar graves danos à saúde dos envolvidos, principalmente à vítima. Alguns sintomas como estresse pós-traumático, depressão, isolamento, uso de álcool e outras drogas, além de outras manifestações podem se desenvolver em decorrência do *stalking* (Fleming, Newton, Fernandez-Botran, Miller, & Burns, 2013). O uso de álcool e outras drogas bem como problemas relacionados à saúde mental, tanto

por parte da 26 vítima quanto pelo stalker, aparecem também como fatores de risco, sendo mencionado em casos que os mesmos atuaram de forma a potencializar os comportamentos ligados a perseguição (Melton, 2007; Kuehner et al, 2012).

Outros estudos também apontam as consequências negativas do stalking para as vítimas. Em um estudo epidemiológico apontou que o impacto do assédio decorrente da perseguição, causam danos sociais, econômicos, psiquiátricos e reverbera na saúde de forma geral; sugerindo também que parte das violências mais graves como o homicídio estão relacionados a contextos de perseguição (Dressing et al., 2006).

Assim, diante do crescente interesse pelo tema, bem como seu destaque dentro da violência entre parceiros íntimos, o presente estudo objetivou identificar a ocorrência do *stalking* em mulheres vítimas de violência entre parceiros íntimos (VPI) e a sua relação com a VPI, a fim de contribuir para o corpo de conhecimentos e fomentar discussões sobre o tema.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O Objetivo geral do presente estudo foi abordar a ocorrência do *stalking* a partir das perspectivas apresentadas pelas mulheres vítimas de tal fenômeno no âmbito da violência entre parceiros íntimos que buscavam por atendimento na Delegacia de Atendimento à Mulher em Juiz de Fora- MG.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desse estudo foram: a) identificar quais comportamentos caracterizam o *stalking* contra a mulher dentro da violência entre parceiros íntimos no município de Juiz de Fora – MG; b) identificar em que contextos tais comportamentos ocorrem; c) identificar quais as consequências desses comportamentos para a vítima. d) qual a relação entre *stalking* e a procura de ajuda nos meios formais.

3. MÉTODO

3.1 Delineamento

A presente pesquisa se caracterizou como um estudo de delineamento transversal, onde os dados foram obtidos de uma única vez e de maneira direta por meio de entrevistas semiestruturadas às mulheres vítimas do *stalking* na violência entre parceiros íntimos (Breakwell, 2010). Devido a natureza descritiva exploratória desse estudo, os dados receberam tratamento qualitativo, por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011).

3.2 Sujeitos

No município de Juiz de Fora- MG, a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) e a Casa da Mulher Centro de Referência, oferecem atendimento especializado as mulheres vítimas de violência doméstica. Esses serviços, funcionam no município, como uma das portas de entrada dessas mulheres vítimas de violência, fazendo parte das Políticas Públicas Para Mulheres do município. A Delegacia de Atendimento à Mulher e a Casa da Mulher atuam de forma conjunta, para fornecer atendimento e acompanhamento especializado a essas mulheres, contando com uma equipe formada por Delegados, Policiais Civis, Policiais Militares, Advogados, Psicólogos e Assistentes Sociais.

O recrutamento das participantes ocorreu na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM). Entretanto, tais participantes passaram antes por um atendimento na Casa da Mulher Centro de Referência, uma vez que o atendimento ao público em geral se dá em primeira instância na Casa da Mulher e posteriormente são

encaminhadas a Delegacia Especializada. Foi realizado contato prévio com as instituições onde a pesquisa foi realizada e obtida a autorização formal.

São encaminhados à delegacia os casos em que as mulheres decidem fazer um boletim de ocorrência. Depois de tomar essa decisão, as mulheres podem escolher iniciar o pedido da medida protetiva e representação jurídica contra o agressor. Grande parte do público alvo da delegacia, opta por fazer o pedido da medida protetiva ou já possuem tal medida. Entretanto, uma parte dessas mulheres não chegam a dar andamento a esses procedimentos. Vale ressaltar que a delegacia acolhe todos os casos de violência doméstica contra a mulher, não se restringindo apenas a violência perpetrada pelo parceiro íntimo.

A presente pesquisa foi composta por 30 mulheres, maiores de 18 anos, vítimas do *stalking* no âmbito da violência entre parceiros íntimos e que aceitaram participar da mesma. Todas as mulheres participantes do estudo estavam à espera de atendimento na Delegacia de Mulheres, devido a casos de violência entre parceiros íntimos. Foram incluídos no estudo, mulheres que são vítimas ou que já foram vítimas do *stalking* por parte de seus parceiros, ex-parceiros ou com quem mantinham alguma relação de intimidade, independente do período em que estes relacionamentos tenham ocorrido.

3.3 Instrumentais

Questionário Para Identificação das Vítimas de Stalking

Inicialmente foi aplicado às mulheres que se encontravam na sala da espera da Delegacia da Mulher, o questionário estruturado para a identificação das vítimas de *Stalking* (Apêndice A). Esse questionário objetivava identificar quais daquelas mulheres sofriam ou sofreram *stalking* de seus parceiros íntimos. A elaboração de tal questionário teve como base o Inventário de Vitimização por *Stalking*, que apresenta como proposta

o rastreamento e a caracterização do *stalking*. Tal Inventário foi elaborado partindo do contexto de Portugal, e o mesmo não se encontra validado para a realidade brasileira (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011). Além do Inventário de Vitimização Por Stalking (IVS), o questionário de identificação teve como base também a Escala Para Identificação da Violência Entre Parceiros Íntimos (EVIPI), que foi elaborada no Brasil com o intuito de mapear os tipos de violências existentes em relacionamentos íntimos de acordo com o contexto brasileiro (Senra et al., 2011).

O questionário de identificação era composto por uma breve explicação sobre o que é o *stalking* e logo em seguida as mulheres eram interrogadas se já foram vítimas de tais comportamentos. Na sequência haviam opções que buscavam identificar qual o tipo de relacionamento da vítima com o agressor no momento da abordagem. Após essa identificação, eram apresentadas doze opções com tipos de comportamentos violentos dos quais a vítima poderia ter sido alvo.

Questionário Socioeconômico

Após a identificação das vítimas, as mesmas foram convidadas a participarem da segunda etapa da pesquisa, que constou de um questionário socioeconômico (Apêndice B) para caracterização da amostra e a entrevista semiestruturada (Apêndice C). O questionário socioeconômico era composto por oito perguntas que versavam sobre: idade, religião, Cor/raça/etnia, escolaridade, renda, possui carteira assinada, uso de álcool e uso de outras drogas.

Entrevistas Semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas às vítimas foram realizadas tendo como base a revisão de literatura (Matos et al., 2011) considerando também os objetivos propostos por esta pesquisa, com perguntas que visavam investigar a percepção e experiências das

vítimas sobre o *stalking* no âmbito da violência entre parceiros íntimos. A entrevista semiestruturada é uma forma de operacionalizar as questões de pesquisa em uma série de perguntas já definidas e fixadas previamente, sem necessariamente delimitar as respostas, deixando o entrevistador livre para elaborá-las de forma individual e de acordo com suas próprias experiências e conhecimentos (Breakwell, Fife-Schaw, Hammond & Smith, 2010).

A pesquisa também contou com o auxílio de um diário de campo que objetivou complementar a pesquisa propiciando reflexões do entrevistador, complementando as falas transcritas dos entrevistados, além de outras manifestações verbais, não verbais, ações, atitude e circunstâncias que se fizeram necessárias e contribuíram para a reflexão dos investigadores.

3.4 Procedimentos

Foi realizado contato prévio com as instituições que participaram da pesquisa. Obteve-se a autorização formal da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Anexo II) e a Casa da Mulher Centro de Referência (Anexo III), onde ocorreu o recrutamento e a realização das entrevistas às mulheres vítimas do *stalking* na violência entre Parceiros íntimos.

A Delegacia de Atendimento à Mulher atua de forma conjunta a Casa da Mulher, sendo que as duas instituições se encontram localizadas no mesmo espaço, a recepção e acolhimento do público é realizada pela Casa da Mulher, e os casos em que há a formalização da denúncia contra o agressor, são encaminhados ao espaço destinado a delegacia. Na delegacia, essas mulheres são recepcionadas e ficam à espera do atendimento em uma sala específica, localizada em um ambiente reservado.

A coleta foi realizada entre os meses de março á julho de 2017 na delegacia, contando com três pessoas na equipe de campo, sendo que os mesmos receberam um treinamento para que a abordagem fosse realizada de forma simétrica buscando reduzir possíveis vieses e discrepâncias. Dentre as mulheres que foram abordadas e se encaixavam nos critérios da pesquisa, 4 optaram por não participar, totalizando um N final de 30 mulheres que aceitaram participar da pesquisa.

O primeiro contato com essas mulheres vítimas se deu nessa sala, onde foram abordadas pelo pesquisador, explicado sobre a pesquisa e aplicado o Questionário para identificação das vítimas do *stalking*. Essa identificação se deu por meio da resposta positiva a pergunta: “Você já foi alvo desse tipo de assédio?”.

Após a aplicação do questionário e a identificação das mulheres que se reconheciam como vítimas do *stalking*, estas foram convidadas a participarem da segunda etapa da pesquisa, que constou do questionário de rastreo e da entrevista semiestruturada, sendo esclarecido acerca do anonimato e da ausência de riscos ou ônus na sua participação, além de serem conscientizados da não obrigatoriedade em participar da mesma, recebendo também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I) com todas as informações da pesquisa e dos responsáveis pela mesma.

As mulheres que aceitaram participar da pesquisa, foram conduzidas a uma sala privada, localizada na Delegacia, para a realização das entrevistas. Foi fornecida pelo pesquisador uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual uma via foi assinada e devolvida ao pesquisador. O pesquisador comunicou antecipadamente sobre a gravação em áudio da entrevista, obtendo a autorização dessas mulheres. Após a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi aplicado um questionário

socioeconômico para a caracterização da amostra e logo em seguida iniciou-se a entrevista. Vale ressaltar que as perguntas que compõe as entrevistas foram feitas pelo pesquisador.

Foram realizadas algumas entrevistas piloto com quatro vítimas para analisar a adequação das perguntas aos objetivos do estudo. Não houve alteração do conteúdo, sendo realizada apenas a junção de duas perguntas que se encontravam separadas no questionário, para o melhor andamento das entrevistas. Uma das perguntas pedia para que as vítimas descrevessem as experiências de *stalking* e a segunda pergunta pedia para descreverem as experiências de violência entre parceiros íntimos. Como essas experiências estavam relacionadas, as vítimas em geral apresentavam apenas uma resposta abordando as duas perguntas. Após essa mudança, optou-se por incorporar as quatro entrevistas piloto ao número (N) total da pesquisa.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da análise descritiva de conteúdo de Bardin (2011). A análise de conteúdo de Bardin, se caracteriza pela identificação de características específicas a partir do material coletado, agrupamento dessas características em categorias, para posterior análise e inferência. Para o presente trabalho será utilizado a análise de categorial temática, em que se divide o texto em pequenas unidades temáticas centrais para posterior análise, considerando as questões de pesquisa e a revisão de literatura.

Para a análise dos dados, no que concerne aos métodos qualitativos, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo – do tipo estrutural e temático e foi após o processo de inserção em campo e posterior análise do material é que chegamos à definição do conjunto de categorias explicativas relacionadas à temática, que estão apresentadas nos 34 resultados. O processo de análise foi feito a partir da integração de todo o material coletado, o que permitiu uma visão abrangente de todo o conteúdo pesquisado.

3.5 Aspectos Éticos

O presente projeto foi submetido ao comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos pela plataforma Brasil no dia 28 de agosto, sendo aprovado no dia 19 de fevereiro de 2016 sob o parecer nº 1.416.201 e protocolo 50899415.0.0000.5147 (Apêndice E).

Foi entregue a todos os participantes da pesquisa duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde uma via foi assinada e devolvida ao pesquisador responsável. No termo de consentimento livre e esclarecido, o participante foi informado sobre os objetivos da pesquisa, sob a sua participação voluntária, sem nenhum tipo de bônus, e sobre a seu direito de se retirar do estudo a qualquer momento.

Foi informado também sobre o anonimato da participação e das respostas fornecidas pelos entrevistados, e os resultados serão divulgados em meios públicos com honestidade científica. O material coletado durante a pesquisa será armazenado pelo pesquisador por um período de cinco anos, sendo destruído após esse período.

Aos participantes da pesquisa que expressaram desejo por auxílio psicológico, foram encaminhados ao Centro de Psicologia Aplicada (CPA) para acompanhamento terapêutico.

4. RESULTADOS

A Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Juiz de Fora atende a todos os casos de violência contra a mulher, abarcando além do município de Juiz de Fora, alguns municípios vizinhos. A seguir será apresentado o perfil socioeconômico de 30 mulheres que participaram da presente pesquisa, por meio da estatística descritiva.

4.1 Perfil Socioeconômico da amostra

No que concerne à idade da amostra estudada, estas variavam entre 18 e 53 anos, apresentando uma média de 32,7 anos. As idades dessas mulheres serão apresentadas em intervalos de 5 anos, sendo que 1 mulher possuía, a data da entrevista, 18 anos (3.3%), 6 (20%) mulheres apresentavam idades entre 20 e 25 anos, 5 (16.6%) mulheres apresentavam idades entre 26 e 30 anos, 9 (30%) mulheres apresentavam idades entre 30 e 35 anos, 4 (13.3%) mulheres apresentavam idades entre 36 e 40 anos, 2 (6.6%) mulheres apresentavam idades entre 41 e 45 anos, 1 (3.3%) mulher apresentava idade entre 45 e 50 anos e por fim 2 (6.6%) mulheres apresentavam idades acima de 50 anos.

O questionário socioeconômico buscou investigar também qual a cor/raça/etnia, escolaridade, religião, estado civil, renda, se trabalha com carteira assinada, faz uso de álcool e outras drogas. Vale ressaltar que todas as respostas foram autodeclaradas. Em relação a cor/raça/etnia, 15 (50%) mulheres se autodeclararam brancas, 6 (20%) mulheres se declararam pardas, 6 (20%) mulheres se declararam pretas e 3 (10%) mulheres se declararam amarelas. Já quanto a religião, 13 (43.3%) mulheres se diziam católicas, 12 (40%) se diziam evangélica ou protestante e 5 (16.6) mulheres declararam não possuir religião. Em relação ao estado civil, as mulheres responderam tendo em vista o seu relacionamento no momento da entrevista, sendo que 4 (13.3%) mulheres se encontravam casadas formalmente no momento em que procurou ajuda na delegacia, 5

(16.6%) ainda estavam em união estável ou moravam junto com seus parceiros, 6 (20%) mulheres estavam divorciadas ou separadas e por fim 15 (50%) mulheres se declararam solteiras no momento das entrevistas, pois alguns dessas mulheres não possuíam nenhuma relação formal com o agressor ou estavam separadas dos mesmos a dias ou semanas, se declarando assim solteiras.

Quanto a escolaridade, a amostra apresentou um perfil heterogêneos, sendo que 9 (30%) mulheres possuíam ensino fundamental incompleto, 2 (6.6%) mulheres apresentavam ensino fundamental completo, 5 (16.6%) mulheres apresentavam ensino médio incompleto, 9 (30%) mulheres possuíam ensino médio completo, 1 (3.3%) mulheres possuíam ensino superior incompleto e 4 (13.3%) mulheres possuíam ensino superior completo.

Em relação a renda dessas mulheres, 8 (26.6%) declararam não possuir nenhuma fonte de renda, 6 (20%) mulheres declararam possuir renda menor que um salário mínimo, 14 (46.6%) mulheres declararam possuir renda entre 1 e 2 salários mínimos, 1 (3.3%) mulher declarou receber entre 3 e 6 salários e 1 (3.3%) mulher optou por não responder. Dentre essas mulheres, apenas 9 (30%) possuíam carteira de trabalho assinada e as outras 21 (70%) mulheres não trabalhavam com carteira assinada ou não exerciam atividade remunerada.

Foi questionado a essas mulheres também sobre o uso de álcool e outras drogas e sua frequência. Dentre essas mulheres, 24 (80%) disseram não fazer qualquer uso de álcool, 4 (13.3%) disseram fazer uso de álcool aos fins de semana e 2 (6.6%) disseram fazer uso de álcool 4 vezes ao mês. Em relação ao uso de drogas, foi esclarecido as mulheres entrevistadas que as informações fornecidas eram confidenciais, não tendo ligação com qualquer procedimento da delegacia, sendo usada exclusivamente para se conhecer o perfil das mulheres abordadas. Apenas 3 (10%) mulheres disseram fazer uso

do cigarro como um tipo de droga, não sendo relatado nenhuma droga ilícita. Os resultados descritos acima estão ilustrados na tabela abaixo (tabela 1).

Tabela 1. *Perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas*

Variável	N	%
Cor/Raça/Etnia		
Branco	15	50.00
Preto	6	20.00
Pardo	6	20.00
Amarelo	3	10.00
Religião		
Católica	13	43.33
Evangélica- Protestante	12	40.00
Não Possui	5	16.66
Estado Civil		
Casado (formalmente)	4	13.33
União Estável, Moram juntos	5	16.66
Solteiro	15	50.00
Divorciado-Separado	6	20.00
Escolaridade		
Ensino Fundamental Incompleto	9	30.00
Ensino Fundamental Completo	2	6.66
Ensino Médio Incompleto	5	16.66
Ensino Médio Completo	9	30.00
Ensino Superior Incompleto	1	3.33
Ensino Superior Completo	4	13.33
Renda		
Nenhuma	8	26.66
Menor que 1 Salário Mínimo	6	20.00
Entre 1 e 2 Salários Mínimos	14	46.66
Entre 3 e 6 Salários Mínimos	1	3.33
Não Respondeu	1	3.33
Trabalha com carteira assinada		
Não	21	70.00
Sim	9	30.00
Faz uso de Bebida Alcoólica		
Não	24	80.00
Sim	6	20.00
Frequência		
Fim de semana	4	13.33
4 Vezes por mês	2	6.66
Faz uso de Drogas		

Não	27	90.00
Sim	3	10.00

4.2 Questionário de Identificação

Após a caracterização socioeconômica da amostra, serão apresentados os resultados obtidos a partir do questionário para identificação às vítimas aplicado as mulheres de forma geral que aguardavam atendimento na delegacia da mulher. O questionário de rastreio era composto inicialmente por uma breve explicação sobre o que é o assédio persistente (*stalking*) e logo em seguida eram perguntadas as mulheres se estas se identificavam como vítimas ou não desse tipo de conduta. A segunda pergunta indagava as essas mulheres sobre quem era a pessoa que praticava aqueles comportamentos. Apenas as mulheres que responderam que se identificavam como vítimas de *stalking* e disseram ser alvo desses comportamentos por um parceiro ou ex-parceiro íntimo foram incluídas no estudo.

Dentre as trinta mulheres que participaram, 23 (76.6%) disseram ser um ex-parceiros e 7 (23.3%) disseram ser um parceiro atual. Vale destacar que o termo “parceiro” ou “ex-parceiro” se refere a todos os tipos de relações íntimas, sejam formais ou informais. Esses dados não estão ligados necessariamente ao estado civil dos participantes, visto que algumas mulheres se encontravam ainda casadas legalmente com seus parceiros mas não mantinham qualquer tipo de relação íntima no momento da abordagem. Vale destacar também que dentre as 30 mulheres entrevistadas, apenas 1 tinha como agressora/*stalker* uma parceira, sendo que as outras das mulheres tinham como parceiros ou ex-parceiros, homens. Os resultados são ilustrados na tabela 2.

Tabela 2. Quem era e qual o sexo dos agressores-stalkers

	N	%
Quem era o agressor		
Parceiros	7	23.33
Ex- Parceiros	23	76.66
Qual o sexo do agressor		
Masculino	29	96.66%
Feminino	1	3.33%
Total	30	100.00

Em seguida foi apresentada as essas mulheres uma lista de comportamentos para que as mesmas marcassem quais dos comportamentos listados elas foram alvo. Dentre os comportamentos apresentados, 23 (76.6%) mulheres disseram ter sido alvo de perseguição, 18 (60%) mulheres disseram que os companheiros ou ex-companheiros tentaram entrar em contato, 26 (86.6%) mulheres disseram que foram ameaçadas ou pessoas próximas a elas, 9 (30%) mulheres disseram que foram fotografadas ou filmadas sem autorização, 25 (83.3%) mulheres disseram que o agressor mexeu ou roubou objetos pessoas delas, 13 (43.3%) mulheres disseram que o agressor já invadiu ou forçou a entrada em suas casas, 19 (63.3%) mulheres disseram que seus parceiros ou ex- parceiros já aparecerem em locais que elas costumavam frequentar, 13 (43.3%) mulheres apontaram que seus agressores já ameaçaram fazer mal a si mesmo, 25 (83.3%) mulheres foram vigidas pelo agressor ou a pedido do agressor, 24 mulheres foram agredidas, 8 (26.6) mulheres disseram que tiveram pessoas próximas agredidas ou ameaçadas e 3 (10%) mulheres apontaram outros comportamentos. Os resultados são ilustrados na tabela 3.

Tabela 3. Comportamentos de stalking dos quais as mulheres foram vítimas

Comportamentos dos quais a vítima foi alvo	N	%
Me perseguiu	23	76.66
Tentou entrar em contato comigo	18	60.00
Me ameaçou ou ameaçou pessoas próximas	26	86.66
Me filmou ou tirou fotografias sem a minha autorização	9	30.00
Mexeu, pegou ou roubou objetos pessoais meus	25	83.33
Invadiu ou forçou a entrada em minha casa	13	43.33
Apareceu em locais que costumo frequentar	19	63.33
Ameaçou fazer mal a si próprio	13	43.33
Me vigiou ou pediu alguém pra me vigiar	25	83.33
Me agrediu	24	80.00
Agrediu ou prejudicou alguém próximo a mim	8	26.66
Outros comportamentos	3	10.00

4.3 Entrevistas Semiestruturadas

A seguir serão apresentadas as análises qualitativas das respostas obtidas nas entrevistas às 30 mulheres vítimas. A princípio foi realizada a leitura flutuante do material e em seguida foi feita a escolha das categorias. As entrevistas eram compostas por 7 perguntas que versavam sobre as experiências de violência e *stalking* vividas por essas mulheres.

A primeira pergunta indagava a essas mulheres sobre a relação que elas mantinham com seus parceiros. Dessas mulheres, 17 (56.6%) disseram que moravam juntas com seus parceiros, 6 (20%) mulheres disseram que eram namoradas dos respectivos companheiros, 5 (16.6%) pessoas disseram que eram casadas e 2 (6.66%) mulheres disseram que viviam em união estável.

Tabela 4. *Tipo de relacionamento*

Tipo de relacionamento	N	%
Morar junto	13	43.33
Namoro	6	20.00
Casadas	5	16.66
Namoro e morar junto	4	13.33
União estável	2	6.66

Em relação a duração do relacionamento dessas mulheres com os respectivos agressores, estes variaram de 27 anos a 3 meses. Dentre essas mulheres, 3 (10%) mulheres estavam ou estiveram em relacionamentos por mais de 20 anos; 2 (6.6%) mulheres estavam em relacionamento por 17 anos, 3 (10%) mulheres estavam em relacionamentos entre 9 e 15 anos; 3 (10%) mulheres estavam em relacionamentos por 7 anos; 3 (10%) mulheres estavam em relacionamentos por 6 anos; 4 (13.3%) mulheres estavam em relacionamentos por 5 anos; 3 (10%) mulheres estavam em relacionamentos por 4 anos; 4 (13.3%) mulheres estavam em relacionamentos por 2 anos; 1 (3.3%) mulheres estavam em relacionamento por 1 ano e 6 meses; 2 (6.6%) mulheres estavam em relacionamentos por 4 meses e por fim 1 (3.3%) pessoa estava em um relacionamento por 3 meses. Vale ressaltar que esse tempo de relacionamento se refere ao tempo de relacionamento total, incluindo em alguns casos, o tempo de namoro e casamento e/ou tempo vivendo junto com o agressor.

Já sobre o tempo de relacionamento com a presença de comportamentos violentos, estes variaram de 26 anos de relacionamento violento até mulheres que relataram não terem sofrido nenhum tipo de violência durante o relacionamento, mas sim após o término. No total, 1 mulher sofreu violência no relacionamento por 26 anos; 1 mulher sofreu por 23 anos; 3 mulheres sofreram entre 13 a 17 anos; 3 mulheres sofreram entre 7 a 9 anos; 2 mulheres sofreram por 6 anos; 3 mulheres sofreram por 5

anos; 2 mulheres sofreram por 4 anos; 3 mulheres sofreram por 3 anos e 6 meses; 1 mulher sofreu por 2 anos; 5 mulheres sofreram por 1 ano; 1 mulher sofreu por 6 meses; 2 mulheres sofreram por 4 meses; 1 mulher sofreu por 3 meses. Vale ressaltar que esses valores se referem ao tempo em que essas mulheres estavam em seus relacionamentos, mas as mesmas também sofreram após o término. Ainda, 2 mulheres relataram não ter sofrido com comportamentos agressivos ou de *stalking* durante o relacionamento, mas sim após o término.

No que concerne ao tempo que estas mulheres estavam separadas dos agressores, estes variaram entre 2 anos de separação, até mulheres que ainda se encontravam com seus parceiros no momento em que procuraram por ajuda na delegacia. Vale frisar que todas as mulheres sofreram violência de seus companheiros durante todo o tempo que estavam separadas, até o momento da procura de ajuda. Dentre essas mulheres, 2 estavam separadas a 2 anos; 3 mulheres estavam separadas a 1 ano e 6 meses; 5 mulheres estavam separadas a 1 ano; 1 mulher estava separada a 1 mês; 3 mulheres estavam separadas a 3 meses; 1 mulher estava separada a 2 meses; 4 mulheres estavam separadas a 1 mês; 1 mulher estava separada a 3 semanas; 2 mulheres estavam separadas a 15 dias; 1 mulher estava separada a 10 dias; 1 mulher estava separada a 1 semana; 2 estavam a 2 dias separada de seus companheiros; 1 mulher estava sem seu companheiro a 1 dia e 3 mulheres ainda se encontravam com seus companheiros no momento da entrevista. Em contraponto as respostas sobre o estado civil, algumas mulheres disseram serem casadas formalmente como seus agressores, entretanto algumas apesar de casadas, não mais viviam com seus parceiros. Os dados estão ilustrados a baixo (tabela 5).

Tabela 5. Duração dos relacionamentos

Vítimas	Duração total do relacionamento	Duração do relacionamento violento	Tempo separada
1	4 anos	3 anos e 6 meses	3 meses
2	7 anos	4 anos	---
3	2 anos	1 ano	2 dias
4	20 anos	5 anos	2 anos
5	7 anos	7 anos	1 ano
6	7 anos	5 anos	2 meses
7	4 meses	4 meses	1 dia
8	2 anos	6 meses	2 dias
9	6 anos	1 ano	1 ano
10	4 anos	1 ano	1 ano
11	1 anos e 6 meses	3 meses	1 mês
12	5 anos	1 ano	15 dias
13	5 anos	3 anos e 6 meses	1 ano
14	13 anos	13 anos	3 meses
15	5 anos	4 anos	1 mês
16	27 anos	26 anos	3 semanas
17	23 anos	23 anos	1 mês
18	5 anos	5 anos	---
19	4 meses	4 meses	15 dias
20	6 anos	6 anos	1 ano
21	9 anos	9 anos	1 semana
22	2 anos	1 ano	1 mês
23	17 anos	16 anos	2 anos
24	12 anos	8 anos	---
25	2 anos	2 anos	10 dias
26	4 anos	3 anos e 6 meses	1 ano e 6 meses
27	6 anos	6 anos	4 meses
28	15 anos	1 ano e 4 meses após o termino	1 ano e 6 meses
29	3 meses	3 meses após o termino	3 meses
30	17 anos	17 anos	1 ano e 6 meses

(--) Mulheres que ainda estavam em um relacionamento com seus agressores/stalkers

Os entrevistados também foram indagados sobre quais os tipos de comportamentos violentos estas foram vítimas. Vale destacar que nas respostas apresentadas, os mesmos discorreram sobre suas experiências de violência de forma integrada, não fazendo distinção entre comportamentos de *stalking* e os outros comportamentos violentos. Essa distinção será feita aqui a nível didático e para melhor

abordagem dos resultados, sendo apresentados primeiro os comportamentos violentos presentes nas relações de intimidade e logo em seguida os comportamentos característicos do *stalking*.

Apareceram nas falas das mulheres vários tipos de agressões, sendo estas divididas em: 3 (10%) tentativas de assassinato; 5 (16.6%) fraturas; 4 enforcar; 5 (16.6%) chutes; 5 socos; 3 (10%) agressões a terceiros, incluindo filhos e pessoas próximas, além de 6 (20%) pessoas que relataram ter sofrido agressões físicas mas não especificaram quais; 2 (6.6%) pessoas disseram sofrer ou ter sofridos todos os tipos de agressões; puxar ou agarrar 3(10%); bater ou surrar 3 (10%); tapas 2 (6.6%); jogar objetos na vítima 1(3.3%); Jogar a vítima na parede 1 (3.3%); agredir com objetos 1(3.3%) e pisar na vítima 1(3.3%). Alguns dados podem ser ilustrados com os fragmentos a seguir.

P. 2 “...ele bate, bate com a mão, mas ele é medroso, ele se sente ameaçado por qualquer coisa, então ele acha... ele sabe que se ele simplesmente me batesse de mão livre eu ia reagir, então ele vinha sempre com faca, ou objetos que tivesse ponta, ele tava sempre com alguma coisa, pau, eu já apanhei de pau. Ele já enfio faca, num chegou a aprofundar, mas rasgava, ou então ficava me beliscando com aquilo o tempo todo, e hoje em dia ele usa uma chave de fenda pra me ameaçar o tempo todo.”

P. 7: “Quando eu tava descendo as escadas ela me pegou pelas costas, me pegou pelas cabelos, assim, pelas costas e nisso três rapaz fez uma rodinha, e nela me pegar pelas costas eu fui abaixando e ela foi e me deu um chute no rosto, aí os médicos tão com suspeita de um traumatismo.”

P.14: “Ele tava na intenção de matar. Ele pulou em cima de mim, pois o joelho aqui e socou o meu rosto. Ele até machucou a minha menina, porque ela entrou na frente pra ele num bater mais.”

P. 15: “Ele me deu uma surra de capacete, foi a primeira vez que ele me bateu mesmo, me machucou toda.”

As vítimas também relataram sofrer ou ter sofrido vários tipos de violência financeira ou patrimonial, como quebrar ou danificar objetos da vítima, citados 14 (46.6%) vezes; reter ou furtar objetos da vítima, citado 9 (30%) vezes; expulsar a vítima de casa 3(10%); não pagar a pensão dos filhos 2 (6.6%); vender objetos da vítima 1 (3.3%); pegar o carro da vítima sem autorização 1(3.3%) e cobrar para cuidar dos filhos 1 (3.3%).

No que se refere a violência psicológica, o mais apontado nos relatos das vítimas foram xingar e humilhar, com 13 (43.3%) e 9 (30%) citações respectivamente; 3 (10%) pessoas citaram agressões verbais sem especificar; violência psicológica dirigido aos filhos 1 (3.3%); violência psicológica dirigida a mãe da vítima 1 (3.3%); pressionar a vítima para tirar a filha 1 (3.3%); ofensas 1 (3.3%) e 1(3.3%) pessoa se referiu apenas a violência psicológica. Outra categoria se refere a calúnia e difamações sofridas pelas mulheres, aparecendo: acusar de traição, citado por 10 (33.3%) mulheres; espalhar boatos sobre a vítima, citados por 6 (20%) pessoas; denegrir a imagem da vítima, citado por 2 (6.6%) pessoas e colocar a vítima como incapaz e cuidar dos filhos, sendo citado por 1 (3.3%) pessoa.

Em relação a violência sexual, 2 mulheres disseram ter sofrido assédio sexual por parte de seus companheiros; 2 pessoas disseram que eram forçadas a manter relações sexuais com seus respectivos companheiros e 1 pessoa relatou que a filha sofreu abuso sexual de seu parceiro, como mostra a fala abaixo. (Tabela 6)

P.3 *“Se não tem relação sexual todo dia é por que tá dando pra outro, tendo relação com outro. Falou que o relacionamento sexual tem que ser todo dia, que quando a mulher fala que tá com dor de cabeça é porque a mulher tá traindo, ele falou isso comigo. Se a mulher fala que tá cansada, ela tá traindo.”*

Tabela 6. *Comportamentos violentos dos quais as vítimas foram alvo*

Categoria	Unidade de análise	N	%
Agressões	Jogar objetos na vítima	1	3.33
	Jogar a vítima contra a parede	1	3.33
	Agressões com objetos pontiagudos	1	3.33
	Puxar- agarra	3	10.00
	Enforcar	4	13.33
	Empurrar	2	6.66
	Bater, surrar	3	10.00
	Socos	5	16.66
	Chutes	5	16.66
	Tapas	2	6.66
	Fraturas	5	16.66
	Pisar	1	3.33
	Agressão a terceiros	3	10.00
	Tentativa de assassinato	3	10.00
	Todos os tipos	2	6.66
	Agressões sem especificação	6	20.00
	Violência financeira, patrimonial	Quebrar, danificar objetos da vítima	14
Reter, furtar objetos da vítima		9	30.00
Vender objetos da vítima		1	3.33
Pegar o carro sem autorização		1	3.33
Não pagar pensão da filha		2	6.66
Fazer a vítima perder o emprego		1	3.33
Expulsar a vítima de casa		3	10.00
Cobrar para cuidar dos filhos		1	3.33
Violência psicológica	Humilhação	9	30.00
	Ofensas	1	3.33
	Xingar	13	43.33
	Aos filhos	1	3.33
	A mãe	1	3.33
	Pressionar para tirar a filha	1	3.33
	Agressões verbais	3	10.00
	Violência psicológica sem especificação	1	3.33
Calunia e difamação	Acusar de traição	10	33.33
	Espalhar boatos sobre a vítima	6	20.00
	Colocar a vítima como incapaz de cuidar dos filhos	1	3.33
	Denegrir a imagem da vítima	2	6.66
Violência sexual	Assédio sexual	2	6.66
	Forçar sexo	2	6.66
	Abuso sexual da filha	1	3.33

Apesar da ocorrência de vários tipos de violência de forma concomitante, o destaque dado a alguns tipos específicos e a gravidade dos atos são marcantes nos dados apresentados e nos relatos dessas mulheres, assim também como a ocorrência de um variado repertório de comportamentos violentos. Os dados a seguir também mostram um variado e extenso número de comportamentos de *stalking*.

Em relação a esses comportamentos característicos do *stalking*, destacam-se as ameaças. Na categoria ameaças, aparecem ameaças de agressão, sendo citada 8 vezes; ameaças de invadir a casa, citada 3 (10%) vezes; ameaças de morte (16); ameaças verbais, gestual, fazer escândalo na porta dos filhos, colocar fogo na casa, quebrar a porta da casa da vítima, ir à casa da vítima, ir a cada de parentes da vítima, colocar drogas na casa da vítima, publicar vídeos e chantagem, citados 1 (3.33%) vez cada, além de 3 (10%) mulheres que disseram sofrer ameaças sem especificar qual o tipo. As entrevistadas discorreram ainda por quais meios eram ameaçadas, aparecendo: ameaças por meio de mensagens de celular 3 (10%); por ligações 3 (10%); ameaças por terceiros 2 (6.66%); ameaças por meio dos filhos 1 (3.33%); ameaças por amigos 1(3.33%) e ameaças por cartas 1 (3.33%). Foi relatado também ameaças dirigidos a terceiros, como ameaças aos pais da vítima, citado 3 (10%) vezes; aos filhos, citados 7 (23.33%) vezes; aos amigos 2 (6.66%) e a pessoas próximas, citado 3 (10%) vezes.

P. 6 “*Foi porque eu quero viver minha vida e eu tô deixando de ir nos lugar por causa dele, deixando de ir na casa de uma colega por causa dele, porque ele fala que sabe onde que eu ando, que vai me pegar.*”

Outra categoria presente nos relatos foi o controle de comportamento exercido pelos agressores. Dentre as 30 mulheres, 19 (63.3%) disseram que foram impedidas de ter ou fazer coisas, como impedir de sair sem o agressor 1 (3.3%), de sair de casa 5 (16.6%), de sair com amigos 1 (3.3%), de ter celular 2 (6.6%), de trabalhar 3 (10%),

obrigar a se afastar das pessoas 1 (3.3%), impedir de ir aos lugares 2(6.6%) e impedir de ter contato com pessoas 3(10%); já 3 (10%) mulheres disseram que o agressor controlava as suas roupas; 3 (10%) mulheres citaram controle ao corpo; 1 (3.3%) mulher disse que tinha seus comportamentos manipulados pelo agressor para que esta parecesse agressiva; 1 (3.3%) mulher era obrigada a ficar nua na frente dos filhos para que o agressor a “revistasse”; 1 (3.3%) mulher foi obrigada a voltar para o agressor e 2 (6.6%) mulheres disseram sofrer controle de comportamentos sem especificar quais.

P.5: *“Aí ele começa a brigar por ciúmes, aí qualquer coisa, tipo assim “ah, eu tô em casa” “então eu vou aí pra ver se você tá em casa mesmo” então você acaba que tá sempre coagida. Então eu passei sete anos coagida, como medo de qualquer coisa.”*

Na categoria Perseguir/assediar, 8 (26.6%) mulheres disseram que o agressor forçou a entrada em sua casa; 8 (26.6%) mulheres disseram que o agressor foi a porta do trabalho, 4 (13.3%) mulheres relataram que o agressor foi à porta da sua casa; 5(26.6%) mulheres disseram que os agressores apareceram em locais que as mesmas costumavam frequentar; 3(10%) mulheres disseram que foram assediadas pelas redes sociais; 2 (6.6%) mulheres relataram que o agressor apareceu na porta da casa de parentes; 2 (6.6%) mulheres disseram que o agressor fez escândalos; 1 (3.3%) mulher foi perseguida na rua; 1 (3.3%) mulher relatou que o agressor pagou terceiros para perseguir; 1 (3.3%) mulher relatou que o agressor fazia ligações de números estranhos; 1 (3.3%) relatou ser perturbada pelo agressor; 1 (3.3%) mulher relatou que o agressor colocava objetos estranhos em sua porta; 1 (3.3%) mulher relatou que o agressor invadia suas propriedades e por fim 3 (10%) mulheres disseram que foram assediadas e perseguidas sem especificar de que forma.

P. 7 *“Assédio e perseguição era frequente, ficar onde eu passo, porque ela sabe tudo de mim, ela sabe da minha vida todinha, ela sabe que eu que abro a agencia, ela sabe que horas que eu abro, que horas que eu saio.”*

P. 9 “*Só que ele teve outros hábitos que me levou a não ficar com ele, ele passou a entrar na minha residência sem eu estar, abrir as minhas fechaduras sem eu dar a chave, principalmente da granja. Eu chegava lá no fim de semana e a granja estava alterada, banheiro, xixi no vaso, essas coisas. Então eu notei que tinha gente entrando dentro da minha casa... Uma vez, ele relatou pra mim que tinha uma niche que abria todas as fechaduras.*”

Na categoria contato persistente, 11 (36.6%) mulheres relataram a procura de forma insistente pelo agressor; 12 (40%) mulheres relataram ligações persistentes; 2 (6.6%) mulheres disseram contato persistente por redes sociais; 2 (6.6%) mulheres relataram contato persistente por mensagens de celular; 2 (6.6%) mulheres disseram que o agressor apareceu no trabalho em busca de contato; 2 (6.6%) mulheres relataram que o agressor forçou a entrada em casa; 2 (6.6%) mulheres relataram que o agressor apareceu na porta de suas casas; 1 (3.3%) mulher relatou contato persistente por meio de cartas e 1 (3.3%) mulher relatou contato persistente para pedir pra voltar.

Em relação a categoria vigiar/monitorar, 18 (60%) pessoas disseram que eram monitoradas pelas redes sociais, mensagens, celular ou whatsapp; 9 (30%) pessoas disseram que o agressor pagava terceiros para monitorar; 6 (20%) pessoas disseram que os agressores vasculhavam seus pertences pessoais; 5 (16.6%) pessoas relataram que o agressor se escondia para vir vigiar/monitorar a vítima; 3 (10%) pessoas disseram o agressor vigiava ou pedia terceiros para vigiar; 2 (6.6%) pessoas disseram que o agressor saía mais cedo do trabalho para ver se a vítima estava em casa; 1 (3.3%) pessoa disse que o agressor a levava e buscava do trabalho e 1 (3.3%) pessoa disse que o agressor mandava presentes no trabalho para monitorá-la. As falas a seguir ilustram os dados acima.

P.4 “*Ontem ele tava lá na varanda escondido, eu só não me assustei, porque quando eu colocava cobertor na máquina, ela tava...o cobertor não tava do jeito que eu deixava, então eu já tava desconfiada, por isso que eu não me assustei quando eu vi ele*

atrás da varanda, porque eu não quero demonstrar que eu tenho medo dele. Eu tô tentando o possível não demonstrar que eu tenha medo dele, por que se eu demonstrar...”

“Vigia o tempo todo, na rua uma vez ele ficou na esquina vigiando, uma pessoa me falou. Vigia o tempo todo. Já passou dois anos, achei que ele ia desistir mais não desisti. Foi depois que ele começou a mexer com essas porcarias, depois que eu me separei. Foi cinco anos aguentando isso, mais depois que eu tomei a atitude de não ter mais nada com ele que ele começou a ficar assim, achando que eu tenho outra pessoa, vigiando, falando “tem outra pessoa, vou matar, vou matar você e essa pessoa” “se você for embora eu vou botar fogo na casa com a pessoa dentro”, ele fica assim.”

P. 9 *“Ele alega que tem um GPS no meu carro e onde eu vou ele sabe onde eu tô.”*

Na categoria atentado contra a liberdade, se encontram: cárcere privado, citado por 5 (16.66%) mulheres; rapto 1(3.33%) e sequestro de um filho 1 (3.33%), ilustrados pela fala a seguir. Os resultados descritos podem ser observados na tabela 7.

P. 25 *“Tem dez dias que decidi largar, porque eu tava presa dentro do galpão. Ele quebrou meu celular, tô sem contato com meus amigos, tô sem contato com ninguém. O único telefone que ele não quebrou, puxou, mas eu consegui fazer gambiarra, foi o telefone da oficina que ele tem, que aí eu conseguir fazer contato com a minha família. Ele não me deixa presa, mas ele tava me ameaçando, e se eu saísse pra fora, ele podia me matar eu e a menina ou podia mandar matar a gente.”*

Tabela 7. Comportamentos de stalking relatados pelas vítimas

Categoria	Unidade de análise	N	%
Ameaças dirigidas a vítima	Veladas	1	3.33
	Gestual	1	3.33
	De morte	16	53.33
	Verbais	1	3.33
	De agressão	8	26.66
	Invadir a casa	3	10.00
	Fazer escândalo na escola dos filhos	1	3.33
	Colocar fogo na casa	1	3.33
	Quebrar a porta	1	3.33
	Ir à casa da vítima	1	3.33
	Ir à casa de parentes	1	3.33
	Colocar drogas na casa da vítima	1	3.33
	Publicar vídeos da vítima	1	3.33
	Chantagem	1	3.33
Ameaças sem especificação	3	10.00	
Ameaças por meio de	Cartas	1	3.33
	Mensagens de celular	3	10.00
	Amigos	1	3.33
	Filhos	1	3.33
	Ligações	3	10.00
	Terceiros	2	6.66
Ameaças a terceiros	Aos pais da vítima	3	10.00
	Aos filhos da vítima	7	23.33
	A pessoas próximas	3	10.00
	A amigos	2	6.66
Controle de comportamentos	Roupas	3	10.00
	O corpo	3	10.00
	Impedir de fazer ou ter coisas	19	63.33
	Manipular comportamentos para que a vítima pareça agressiva	1	3.33
	Obrigar a ficar nua na frente dos filhos	1	3.33
	Obrigar a voltar para o agressor	1	3.33
	Controle de comportamentos sem especificação	2	6.66
	Perseguir/Assediar	Forçar a entrada na casa da vítima	8
Perseguir na rua		1	3.33
Ir a porta do trabalho		8	26.66
Aparecer em locais que a vítima frequenta		5	16.66
Pagar terceiros para perseguir		1	3.33
Aparecer na porta da casa da vítima		4	13.33

	Aparecer na porta da casa de parentes da vítima	2	6.66
	Ligar de número estranho	1	3.33
	Perturbar	1	3.33
	Fazer escândalos	2	6.66
	Colocar objetos na porta da casa da vítima	1	3.33
	Invadir propriedade da vítima	1	3.33
	Assediar em redes sociais	3	10.00
	Perseguir, assediar sem especificações	3	10.00
Contato Persistente	Procurar de forma insistente	11	36.66
	Ligações	12	40.00
	Cartas	1	3.33
	Redes sociais	2	6.66
	Mensagens de celular	2	6.66
	Aparecer no trabalho da vítima	2	6.66
	Forçar a entrada na casa	2	6.66
	Aparecer na porta da casa	2	6.66
	Pedir para voltar	1	3.33
Vigiar/Monitorar	Vigiar ou pedir terceiros para vigiar	3	10.00
	Se esconder para vigiar, monitorar a vítima	5	16.66
	Monitorar redes sociais, celular, whatsapp e mensagens	18	60.00
	Vasculhar pertences pessoais da vítima	6	20.00
	Pagar terceiros para monitorar	9	30.00
	Colocar GPS no carro da vítima sem consentimento	1	3.33
	Aparecer no trabalho para ver se a vítima estava	2	6.66
	Sair mais cedo do trabalho para ver se a vítima estava em casa	1	3.33
	Levar e buscar do trabalho	1	3.33
	Seguir a vítima nos lugares que vai	1	3.33
Mandar presentes no trabalho	1	3.33	
Atentando contra a liberdade	Cárcere privado	5	16.66
	Rapto	1	3.33
	Sequestro de um filho	1	3.33

A grande variedade de estratégias para vigiar, monitorar, perseguir, assediar e controlar os comportamentos das vítimas, bem como as formas de ameaças feitas pelos agressores e a ocorrência de cárcere privado, devem ser analisados de maneira conjunta

aos outros dados apresentados. Compreender, além dos comportamentos listados, o momento da sua ocorrência, se torna um elemento fundamental para a sua melhor contextualização e melhor compreensão.

Em relação ao momento da ocorrência dos comportamentos violentos e o *stalking*, 23 (76.6%) mulheres relataram que os comportamentos de *stalking* começaram durante o relacionamento, sendo que 15 (50%) mulheres disseram que esses comportamentos se intensificaram após a ruptura e 7 (23.3%) mulheres disseram que os comportamentos de *stalking* começaram após o término de seus relacionamentos. Em relação aos comportamentos violentos, 22 (73.3%) mulheres disseram que estes comportamentos iniciaram durante o relacionamento e 4 (13.3%) mulheres disseram que estes iniciaram após o rompimento. Os resultados são apresentados a seguir (tabela 8).

Tabela 8. *Quando começaram os comportamentos violentos e o stalking*

	N	%
O stalking começou durante o relacionamento	23	76.66
O stalking começou após o término do relacionamento	7	23.33
O stalking se intensificou após o término	15	50.00
Os comportamentos violentos começaram durante o relacionamento	22	73.33
Os comportamentos violentos começaram após o término do relacionamento	4	13.33

As falas a seguir ilustram como a ocorrência desses comportamentos são mais complexos, mostrando como diferentes comportamentos violentos podem ocorrer em diferentes momentos. As falas também abordam outros aspectos que serão apontados no presente trabalho, como a motivação e em quais circunstâncias esses comportamentos começaram.

P. 13: *“Depois que eu resolvi terminar o namoro, eu achei que ele ia parar de me vigiar, só que pioraram, ele não parava de me ligar, de me ameaçar, me encontrava nos lugares, dizia que se me encontrasse com alguém que iria me matar e matar a pessoa que eu estava...”*

P.15: *“Ah! Minha filha, começou cedo, tá. Tinha um ano de namoro mais ou menos. Eu fui besta e fui continuando.”*

P. 26: *“Depois do carnaval mais ou menos, eu falei que eu queria terminar e aí foi de março até julho do ano passado foi um período bem complicado, aí começou uma perseguição mesmo, e eu sentia medo de sair na rua, medo de sair na rua e ver um modelo de carro igual ao modelo do carro dele, ele entrava em contato com a minha avó, com os meus pais, me ligava várias e várias vezes, me manda vários e-mails...”*

P.27: *“Por isso eu terminei, e nesses quatro meses ele tá atrás de mim, me ligando, eu saio, ele sai logo em seguida, eu tô indo pra um lugar e ele vai, ele vê onde eu tô e saí, e aconteceu da agressão e eu vim parar aqui.”*

De acordo com o relato das vítimas, os comportamentos violentos e de *stalking* tinham motivações diversas. Segundo relato de 12 (40%) mulheres vítimas, esses episódios aconteciam devido ao ciúme e/ou desconfiança do agressor; 10 (33.3%) mulheres relataram que os episódios de agressão e *stalking* ocorriam porque o agressor não aceitava o fim do relacionamento; o uso de álcool e outras drogas pelo agressor apareceu como motivação em 6 (20%) relatos; 5 (16.6%) mulheres disseram que sofriam agressões e controle porque eram vistas como objetos pelos agressores; 5(16.6%) mulheres disseram que a motivação para esses comportamentos era o fato de sair sozinha ou ter contato com outras pessoas; 3 (10%) mulheres disseram que os episódios começaram a ocorrer após traição do marido; 2 (6.6%) mulheres disseram que o que motivavam esses comportamentos era a recusa em reatar o relacionamento; 2 (6.6%) relataram que os comportamentos aconteciam quando estas confrontavam ou discutiam com os agressores; 2 (6.6%) mulheres disseram que era expressar o desejo em romper o relacionamento; 2 (6.6%) mulheres relataram que eram acusadas de traição; 2

(6.6%) mulheres relataram que eram vítimas desses comportamentos devido a possessão dos agressores sobre elas; 1 (3.3%) mulher relatou esses comportamentos foram motivados porque ela começou a trabalhar; 1 (3.3%) mulher disse que o agressor pedia para voltar; 1 (3.3%) relatou que o agressor não aceitava vê-la com outro; 1 (3.3%) mulher relatou que os comportamentos aconteciam por qualquer motivo; 1 (3.3%) mulher disse que esses comportamentos aconteciam automaticamente; 1 (3.3%) relatou que o agressor tinha um desejo em prejudicá-la, 1 (3.3%) mulher relatou que os comportamentos começaram após a abertura de um bar pelo agressor e 1 (3.3%) mulher disse que era vítima desses comportamentos devido ao seu consumo de álcool.

Tabela 9. *O que motivava os comportamentos de stalking*

	N	%
Ciúmes- desconfiança	12	40.00
Não aceitar o fim do relacionamento	10	33.33
Uso de álcool e outras drogas pelo agressor	6	20.00
“Ver a vítima como objeto”	5	16.66
Quando a vítima saía sozinha- tinha contato com outras pessoas	5	16.66
Traição do parceiro	3	10.00
Recusa em reatar o relacionamento	2	6.66
Confrontar ou discutir	2	6.66
Vítima expressar o desejo de terminar	2	6.66
Acusar de traição	2	6.66
Possessão do agressor	2	6.66
Vítima começou a trabalhar	1	3.33
Pedir para voltar	1	3.33
Não aceitar ver a vítima com outro	1	3.33
Uso de álcool pela vítima	1	3.33
Qualquer motivo	1	3.33
Começaram automaticamente	1	3.33
Desejo de prejudicar a vítima	1	3.33
Abertura de um bar pelo agressor	1	3.33

As motivações para a ocorrência do *stalking* podem ser ilustradas pelos fragmentos das falas de algumas vítimas, que além dos ciúmes, possessão, também

relataram o uso de álcool e outras drogas. Essas falas representam parte do que foi relatado durante as entrevistas.

P.20: *“Começou a seis anos, ele começou a usar drogas, a beber, chegava em casa e começou por um empurrão, começava a empurrar, e aí eu engravidei do meu menino de cinco anos e as coisas começaram a piorar.”*

P. 21: *“Minha queixa é assim, que meu relacionamento em casa, ele bebe, ele é usuário de droga e é muito ciumento também. Eu não posso ter celular, eu não posso sair, não posso conversar com ninguém, é muito possessivo, e aí ele chegava em casa alterado, começava a me agredir com palavras, me xingar, falava sempre que eu tinha outro homem e sempre assim.”*

P. 22: *“Nisso, depois que eu ganhei ele começou agressão constante por causa de ciúmes, não deixava eu sair muito, se eu saísse tinha que se só com ele, se eu fosse na casa de parente eu tinha que ir rápido, e se eu saísse, ele ficava revoltado, descontava em mim.”*

Em relação as consequências do *stalking* e das situações de violência para as vítimas, as respostas foram agrupadas em 6 categorias: a primeira categoria se refere aos relacionamentos interpessoais, incluindo não conseguir começar outro relacionamento 5 (16.6%); perder ou deixar de fazer amizades 2(6.6%); não conseguir mais confiar nas pessoas 1(3.3%); se afastar de amigos e familiares 1 (3.3) deixar de criar laços 1 (3.3%); deixar de fazer amizades em redes sociais 1 (3.3%) e deixar de sair com as pessoas 1 (3.3%). A segunda categoria se refere aos danos causados no trabalho, como perda do emprego 1(3.3%); ser afastada pelo INSS 1 (3.3%); crises de choro 1 (3.3%); não conseguir mais trabalhar 1 (3.3%) e medo de ir trabalhar 1 (3.3%). A terceira categoria se refere aos aspectos financeiros ou patrimoniais, como destruir bens da vítima 2 (6.6%); expulsar a vítima de casa 4 (13.3%); contrair dívidas 1 (3.3%); perder o carro 1 (3.3%); perder o dinheiro 1 (3.3%); perder o emprego 1 (3.3%) e 2 (6.6%) mulheres disse que deixarão a cidade. A quarta categoria agrupa os danos psicológicos e para a

saúde de forma geral, como baixo autoestima| não se arrumar mais, citada 4 (13.3%) vezes; traumas psicológicos/danos emocionais 5 (16.6%); trauma psicológico nos filhos 3(10%); sentimento de culpa/peso 3(10%); não dorme 3(10%); crises de choro 2 (6.6%); coagida 2 (6.6%); cansada/abalada psicologicamente 3(10%); sem vontade de viver/sem forças pra lutar 2(6.6%); insegurança 2 (6.6%); ansiedade, autoimagem ruim, humilhada, mal humor, não consegue seguir a vida, além de começou a fumar, citados 1 (3.3%) vez cada. Outra categoria diz respeito ao medo relacionado ao agressor, como medo do agressor atentar contra os filhos 1 (3.3%); medo do agressor atentar contra a vítima 1 (3.3%); medo do agressor seguir a vítima na rua 2 (6.6%); medo de encontrar o agressor na rua 2 (6.6%); medo do agressor invadir a casa da vítima 1 (3.3%) e medo de ser agredida 1(3.3%). A outra categoria se refere ao medo em todas as esferas da vida da vítima, não se limitando ao agressor, como medo de sair de casa 3 (10%); medo de ir aos lugares 4 (13.3%); medo de morrer 5(16.6%); se sentir desprotegida 2 (6.6%); medo de forma geral 4 (13.3%) e medo do futuro 2 (6.6%). Duas mulheres não relataram quais as consequências e 1 mulher disse foi afetada em todos os aspectos. Esses resultados são ilustrados na tabela 10.

Tabela 10. *Quais as consequências das situações de violência e stalking para a vítima*

Categoria	Unidade de análise	N	%
Relacionamentos interpessoais	Não consegue começar outro relacionamento	5	16.66
	Não consegue confiar nas pessoas	1	3.33
	Perdeu ou deixou de fazer amizades	2	6.66
	Se afastar de amigos e familiares	1	3.33
	Deixar de criar laços	1	3.33
	Deixar de ter amizades em redes sociais	1	3.33
	Deixar de sair com pessoas	1	3.33
Trabalho	Foi afastada pelo INSS	1	3.33
	Crises de Choro no trabalho	1	3.33

	Perdeu o emprego	1	3.33
	Não consegue trabalhar	1	3.33
	Medo de ir trabalhar	1	3.33
Danos Financeiros	Destruiu bens da vítima	2	6.66
	Expulsou a vítima de casa	4	13.33
	Perdeu o carro	1	3.33
	Perdeu o dinheiro	1	3.33
	Contraiu dívidas	1	3.33
	Perdeu o emprego	1	3.33
	Deixará a cidade	2	6.66
Aspectos psicológicos/Saúde	Baixo autoestima não se arruma mais	4	13.33
	Traumas psicológicos danos emocionais	5	16.66
	Trauma psicológico nos filhos	3	10.00
	Crises de choro	2	6.66
	Insegurança	2	6.66
	Abalada cansada psicologicamente	3	10.00
	Sem vontade de viver sem forças para lutar	2	6.66
	Coagida	2	6.66
	Ansiedade	1	3.33
	Mal humor	1	3.33
	Sentimento de culpa peso	2	6.66
	Autoimagem ruim	1	3.33
	Humilhada	1	3.33
	Não consegue seguir a vida	1	3.33
	Começou a fumar	1	3.33
Não dorme	3	10.00	
Medo do agressor	Atentar contra os filhos	1	3.33
	Atentar contra a vítima	1	3.33
	Invadir a casa	1	3.33
	De ser seguida pelo agressor	2	6.66
	De encontrar o agressor na rua	2	6.66
	Agredir a vítima	1	3.33
Medo	Medo de forma geral	4	13.33
	Medo de ficar em casa	1	3.33
	Medo de ir aos lugares	4	13.33
	Medo de sair de casa	3	10.00
	Desprotegida	2	6.66
	Medo do futuro	2	6.66
	Medo de morrer	5	16.66

Todos os aspectos	1	3.33
Não relatou	2	6.66

Assim como os comportamentos violentos e de *stalking* apareceram de forma extensa e variada, as suas consequências também se apresentaram de forma diversificada e ampla. Como consequências dos comportamentos de *stalking*, além dos relacionamentos interpessoais, os aspectos psicológicos também apareceram com frequência na fala das mulheres. O medo também foi muito pontuando em alguns relatos, mostrando que apesar de não ser obrigatório para a definição do *stalking*, ele ainda se encontra muito presente como consequência desses comportamentos. Os trechos a seguir podem ilustrar esses dados.

P.1 *“O trauma é mais psicológico, a gente sente medo de se envolver de novo, de sofrer de novo, de confiar nas pessoas, eu tenho medo de andar na rua e achar que ele tá me seguindo...”*

P.2 *“Eu acho que em tudo, porque a pessoa... aí eu num sei nem dá nome pra isso, mais acaba interferindo em tudo, na auto estima principalmente. Eu acho isso, na auto estima, te desanima de tudo, cê perde as forças de lutar, de viver, aí eu penso nos meus filhos, eu vou levantar todos os dias da minha vida porque meus filhos precisam da alimentação, da minha presença, do meu carinho, afeta tudo de bom que a gente tem.”*

P. 26 *“As consequências desses abusos, assim, foi que com o tempo eu comecei a achar que eu é que tava errada nas discussões, nas coisas, então eu sempre chorava muito, e mal humorada e fechada, e um pessoa assim... um sentimento constante de peso.”*

Por fim, foi questionado às vítimas o que motivou a procura de ajuda naquele momento específico. As respostas foram agrupadas em seis categorias: a primeira categoria diz respeito a episódios de agressão ou violência doméstica em geral, sendo citadas 17 vezes, como agressões em público, aparecendo 3 (10%) vezes; agressões na

frente dos filhos, aparecendo também 3 (10%) vezes; agressões de forma geral, não especificando quais os tipos 2 (6.6%); agressão a familiares 2(6.6%); agressão na frente de familiares 1 (3.3%) e “cansou de todas as situações de violência que sofria”, citada 6 (20%) vezes. A segunda categoria diz respeito as ameaças sofridas pelas vítimas, sejam ameaças de morte 8 (26.6%) ou ameaças em geral, não especificadas, citadas 2 (6.6%) vezes. Na terceira categoria, as vítimas se referiram a campanha de assédio persistente que sofriam como a motivação para a procura de ajuda, seja por meio de perseguição 3(10%); tentativa de contato persistente 4 (13.3%); assédio 4 (%); assédio no emprego 1 (3.3%); e invadir a casa a procura de contato 1 (3.3%). A quarta categoria diz respeito a danos causados a objetos ou patrimônio da vítima, como queimar roupas da vítima 1 (3.3%), jogar objetos na rua 1 (3.3%) e danificar objetos da vítima 1 (3.3%). Na quinta categoria se encontram o controle sobre a vítima como: manter a vítima em cárcere privado, aparecendo 2 (6.6%) vezes; expulsar a vítima de casa, citado 3 (10%) vezes e impedir que a vítima entre em casa 1 (3.3%). Por último 5 (16.6%) pessoas relataram que procurou ajuda na delegacia pois o agressor havia quebrado a medida protetiva. Os resultados podem ser vistos de forma mais detalhada na tabela 11.

Tabela 11. *O que motivou a procurar de ajuda*

Categoria	Unidade de análise	N	%
Agressão	Agressões de forma geral	2	6.66
	Agressão a familiares	2	6.66
	Agressões a vítima em público	3	10.00
	Agressão a vítima na frente de familiares	1	3.33
	Agressão a vítima na frente dos filhos	3	10.00
	Cansou de todas as situações de violência	6	20.00
Ameaças	Ameaças de morte	8	26.66
	Ameaças em geral	2	6.66
Assédio Persistente	Assédio no emprego	1	3.33
	Tentativa de contato persistente	4	13.33
	Assédio	4	13.33
	Perseguição	3	10.00
	Invadir a casa	1	3.33
Danos a objetos/Patrimônio	Queimar roupas da vítima	1	3.33
	Danificar objetos pessoais da vítima	1	3.33
	Jogar objetos pessoais na rua	1	3.33
Controle sobre a vítima	Impedir que a vítima entrasse na própria casa	1	3.33
	Expulsou de casa	3	10.00
	Cárcere Privado	2	6.66
Quebra da medida protetiva		5	16.66

5. DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo possibilitaram conhecer, de forma exploratória, o fenômeno do *stalking* e suas formas de ocorrência dentro da violência entre parceiros íntimos, reconhecendo-o como um tipo específico de violência. Pode-se conhecer também parte do perfil das mulheres vítimas de violência por seus parceiros ou ex-parceiros, que buscaram ajuda nos meios formais (Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher) e conhecer suas experiências de vitimização. Entretanto, tende-se que destacar a singularidade da amostra estudada e levar em conta esse aspecto ao comparar os resultados encontrados com outros estudos realizados sobre o tema.

Em relação ao perfil das mulheres que buscavam ajuda na delegacia e que participaram da pesquisa, em partes, vai ao encontro do apontado na literatura. Pode-se perceber que as idades dessas mulheres variam muito, apresentando contudo, um crescimento maior na procura de ajuda em mulheres com 30 anos ou mais. Esses dados podem indicar que essas mulheres passam por um período maior em relacionamentos violentos antes de procurarem ajuda. Outro fator que pode estar envolvido é a presença de filhos, o que pode interferir na decisão de procurar ajuda ou não e no momento em que essa procura ocorre. Esses achados corroboram a fala da coordenadora da Casa da Mulher de Juiz de Fora e a fala de uma mulher entrevistada:

“As mulheres mais velhas, normalmente a cima dos 30 anos, dos 35 anos, essas mulheres, são as que sofrem maior violência psicológica e sofrem por mais tempo, por que tem mulher que sofrem 10, 12 anos pra depois ter coragem de tomar uma atitude.”

P.20 *“ Quando eu tava próxima de pegar a medida protetiva lá embaixo, ele foi e me pediu perdão, conversou com a minha mãe, conversou com o meu pai, e como meu*

filho tava doentinho, o de cinco anos, eu falei “eu vou dar mais uma chance”, tudo por causa dos filhos, sem trabalhar, sem ter como me sustentar, aceitei ele de volta.”

Já em relação a cor/raça/etnia, metade das mulheres abordadas se declararam brancas. Esses dados podem indicar que mesmo com grandes avanços tanto nas leis quanto nos serviços de atendimento a essas mulheres, as mulheres brancas são as que mais procuram ajuda em detrimento as outras e não necessariamente as que mais sofrem com a violência de seus parceiros (Cheng & Lo, 2015). Em relação ao estado civil, destaca-se que metade dessas mulheres não se encontravam em relações formais com seus agressores, se declarando assim solteiras. Essas mulheres moravam com seus companheiros, sem entretanto, caracterizar união estável ou casamento.

O perfil dessas mulheres também se mostrou heterogêneo em relação a escolaridade, sendo que das 30 mulheres entrevistadas, 4 possuíam ensino superior completo e 1 possui ensino superior incompleto, o que contrapõe a alguns estudos que procuram fazer ligação entre baixa escolaridade e violência (Coker, Follingstad, Bush, Fisher, 2016; Schraiber et al, 2007; Deslandes, Gomes & Silva, 2000). Entretanto, as mulheres com baixa escolaridade, em geral, ainda procuram mais ajuda em contraponto a mulheres com nível de escolaridade mais alto, entretanto, isso não indica que as últimas não sofram violência, mas que apenas buscam menos por ajuda.

Alguns dados também se destacam em relação a renda, sendo que a maior parte das mulheres entrevistadas possuíam alguma fonte de renda, formal ou informal, podendo indicar que as mulheres que procuram por ajuda na delegacia possuem em certa mediada, uma independência financeira em relação a seus parceiros (Couto, Schraiber, d'Oliveira & Kiss, 2007). Entretanto, entre as mulheres que não possuem renda, esse aspecto se apresenta como importante fator nos episódios de violência, como ilustrado nos trechos a seguir.

P. 16: *“Ele nunca deixou eu trabalhar, tinha ciúmes de eu trabalhar. Quando eu arrumei esse serviço eu ainda tava dentro de casa e bati o pé e falei que ia trabalhar.”*

P.19: *“A gente tava começando a passar necessidade dentro de casa durante esses quatro meses, e aí eu fui trabalhar. Ele não aceitou de eu tá trabalhando e me mandou pra fora de casa. “*

P. 20: *“Eu tava desempregada, vou fazer o que; Eu falei “meus deus, eu tenho criança em casa”, e eu correndo atrás de serviço, e cada vez que eu chegava em casa ele falava que eu tava encontrando com algum homem, sempre assim.”*

P. 24: *“Então financeiramente estou dependente dele em certos termos, porque como ele bebe todo final de semana e se droga, falta alimento pras crianças, falta roupa pras crianças, falta tudo. Então, o dinheiro que é feito, é da pensão do meu outro filho, porque com meu filho mesmo quase que não tá sendo gasto e eu vivo pegando empréstimo no banco, tô sempre com a corda no pescoço, tô sempre endividada, então atualmente eu não tenho condições de sair desse relacionamento, e ele sabe disso e ele me mantém retida nisso.”*

Em relação ao tempo de relacionamento, pode-se observar uma grande discrepância, tendo mulheres com mais de 20 anos de relacionamento e outras com poucos meses. Um ponto em comum entre essas mulheres é o fato de que todas que não mantinham mais relações de intimidade com seus respectivos agressores, continuaram a sofrer com comportamentos violentos e de *stalking* após o término, independente do tempo de relacionamento (Ojanen, et al, 2015). Outro fator a destacar se refere ao tempo em que essas mulheres permanecerem vítimas de seus companheiros, sendo que a medida que o tempo de relacionamento aumentava, aumentavam também o tempo de relacionamento violento e de *stalking* (Shorey, Cornelius, Strauss, 2015). Outro ponto

destacado por Matos et al (2011) é a ligação entre a duração dos comportamentos de *stalking* e da ocorrência das outras formas de violência. Quanto maior a duração dos comportamentos violentos, maior a chance de persistência do *stalking*, em especial após o término.

O número de mulheres que relataram no questionário de rastreamento, sofrer agressões, se equipara ao número de mulheres que disseram também sofrer perseguição, ser vigiada ou ameaçada, o que sugere a ocorrência mútua desses tipos de violência e do *stalking* nas relações de intimidade, onde os tipos de violência atuam de forma a potencializar as demais (Crossman, Hardesty & Raffaelli, 2016). Em estudo realizado por uma universidade portuguesa, os achados apontam que as vítimas do *stalking* nas relações de namoro também sofrem em geral com o maior número de violência emocional e relacional e que seus parceiros faziam uso de estratégias abusivas como forma de resolução de conflito (Ferreira, 2013).

Grande parte dessas mulheres não se encontravam mais em relacionamento íntimo e algumas já possuíam a medida protetiva, não sendo portanto, a primeira vez que procuravam por ajuda na delegacia. Em muitos casos, os comportamentos de *stalking* começaram durante o relacionamento, onde também se iniciavam alguns comportamentos violentos, e estes se estendiam ou intensificavam após a separação. Esses dados estão em conformidade com outros estudos que apontam que durante os relacionamentos, o *stalking* se inicia pelo controle a vítima, passando para assédio e perseguição contumaz com o término (Breiding & Armour, 2015; Katz & Rich, 2015). O fato do *stalking* se iniciar durante o relacionamento podem estar ligados a uma tentativa de manter um controle sobre a vítima, e a intensificação dos comportamentos após a separação podendo indicar também uma insistência em reatar a relação, não

aceitar o fim do relacionamento ou um desejo de vingança por parte do *stalker* (Logan & Walker, 2009; Matos, 2006).

O momento em que o *stalking* ocorre é importante para o entendimento da sua dinâmica. O início ou a intensificação do *stalking* após o término se dá principalmente pela tentativa de contato indesejado, aparecer em locais que a vítima costuma frequentar e a perseguição, além de assédio de forma persistente. Esses comportamentos em geral estão associados ao aumento das diversas formas de ameaças. Já durante o relacionamento é comum a ocorrência do controle de comportamentos além de vigiar ou monitorar a vítima, o que é facilitado pelo contato constante entre o agressor e a vítima.

Outro aspecto que merece destaque são os tipos de violência sofridas por essas mulheres. A ocorrência das agressões físicas de forma constante, são mais comuns durante o relacionamento, além da sua ocorrência de forma conjunta à violência psicológica e sexual. Também chama atenção nas falas, além da violência física, já bem apontada em muitos estudos, a categoria calúnia e difamação, em que as vítimas relatam sofrerem campanhas de difamação por seus parceiros, serem acusadas de traição, terem boatos espalhados e a imagem denegrida. Alguns agressores chegam a usar esses comportamentos violentos como justificativas para os comportamentos de *stalking*, como a “traição” e os boatos sobre a vítima (Kelly, Dubbs & Barlow, 2015).

P. 12: *“Ele bate, me humilha, espalhou pros vizinhos todos a minha antiga profissão, os vizinhos já não me respeitam mais, eles me olham com outros olhos.”*

P. 14: *“Esse negócio de xingar e humilhar não, mas ele saia na rua falando que eu tava casada com ele mas eu era uma sapatona, espalhava isso pro bairro inteiro. No entanto que quando eu falei que ia separar dele, sair da casa dele, ele começou a espelhar no bairro inteiro que eu ia sair da casa dele porque eu tinha uma mulher que*

ia me bancar, por isso que eu tava saindo da casa dele. Depois espalhou que eu tava saindo com mulher, depois que eu tava saindo com homem, depois falou que eu tava andando com o vizinho dele, com o rapaz que é padrinho do meu filho, espalhou que eu tava andado com a sobrinha dele. Espalhou que uma vez eu quebrei o dedo da sobrinha dele que eu tentei agarrar a sobrinha dele, isso tudo ele foi falando esse tempo todo.”

Em relação a violência psicológica, percebe-se que a humilhação e xingar apareceram com grande frequência nos relatos, assim como as formas de agressão física, o que converge com alguns apontamentos da literatura, em que violência psicológica e emocional, tende a ocorrer em conjunto com outras formas de violência física (Breiding et al, 2015; Brewster, 2003; Melton, 2007). A violência financeira também foi relatada, como quebrar ou danificar objetos da vítima e reter/furtar objetos, o que evidencia um sentimento de domínio e poder sobre a vítima e seus bens.

No presente estudo, pode-se perceber a grande variedade de comportamentos característicos do *stalking*, corroborando com o que a literatura aponta, onde o *stalking* se caracterizam pela ocorrência de um conjunto variado de comportamentos e não apenas comportamentos isolados. Pela variedade de comportamentos apontados, pode-se inferir que estes comportamentos façam parte do cotidiano da vítima e ocorram de forma frequente (Matos et al, 2011; Ferreira & Matos, 2012).

Em um levantamento feito na população portuguesa, observou-se a ocorrência de pelo menos dois comportamentos de *stalking* nos casos em que os participantes relataram ter sofrido esse tipo de violência. Quando esses participantes eram vítimas de seus parceiros ou ex- parceiros, o número de comportamentos e a sua duração aumentavam (Grangeia e Matos, 2010).

Se destacam entre os comportamentos apontados, as ameaças, tanto à vítima quanto a pessoas próximas, e suas formas de ocorrência. As ameaças de agressão, de invadir a casa e ameaças a pessoas próximas foram as que mais apareceram nos relatos, o que de acordo com dados da literatura, podem estar associados a um maior sentimento de medo e uma forma do *stalker* intimidar a vítima, sendo também apontado por alguns estudos como forma de resolução de problemas. A ocorrência dessas ameaças acontecem de forma predominante ou se intensificam após o término dos relacionamentos, podendo ser usado pelo *stalker* como estratégia para intimidar, amedrontar e ou na tentativa de exercer algum controle sobre as vítimas. Entretanto, em algumas entrevistas, a presença de ameaças foi um dos motivos pelo qual as mulheres procuraram por ajuda na delegacia (Matos et al, 2012).

Outro aspecto a se destacar é o controle de comportamentos, incluindo impedir de ir o a lugares, sair de casa, ter contato com pessoas e ter celular. Esses comportamentos podem ter aparecido com maior frequência devido a parte dessas mulheres começaram a sofrer com essas formas de violência ainda durante o relacionamento, período este que mantinham um maior contato com agressor, sendo que muitas eram casadas, tinham união estável ou moravam junto, o que possibilitava o maior controle à essas mulheres por parte dos *stalkers*. Também os comportamentos de perseguir e assediar foram citados, aparecendo nos relatos de formas diversas, evidenciando a variedade de estratégias utilizadas pelos *stalkers* para manter um controle e contato com a vítima, mostrando uma dificuldade em manter distância e aceitar o rompimento, nos casos em que a vítima já havia terminado. Esses achados também são congruentes com outros estudos, que mostram ainda a visão da mulher como objeto e vista como uma propriedade do agressor (Dominguez & Menjivar, 2014;

Easteal, Holland & Judd, 2015). O discutido a cima pode ser ilustrado pela seguinte fala:

P.8: “*Certo controle e obsessão pela pessoa, querer controlar como controla um objeto*”.

O contato persistente apareceu nos relatos sob diversas formas, como contato por meio de ligações, por meio de cartas, redes sociais e mensagens. Esses comportamentos em si não são problemáticos, entretanto, quando considerados em conjunto a outros comportamentos e levando em conta o contexto, o caráter indesejado e muitas vezes intimidador, se tornam problemáticos e podem causar diversos prejuízos as vítimas. Esses comportamentos aparentemente inofensivos dificultam a identificação do *stalking* e seu reconhecimento. As vítimas tendem a reconhecer o contato persistente como problemático, quando estes acontecem pessoalmente, em detrimento ao contato por meios virtuais. (Edwards et al, 2015; Matos et al, 2013; Magyarics, Lynch, Golding & Lippert, 2015).

Assim como os outros comportamentos de *stalking*, a categoria vigiar| monitorar também foi bastante citada, e pode-se observar uma variedade de estratégias utilizadas para exercer esse monitoramento em relação a vítima. Essas estratégias estão ligadas ao perfil da amostra, ou seja, essas mulheres foram vítimas de seus parceiros ou ex-parceiros, o que faz com que estes tenham maior conhecimento de suas rotinas, seus hábitos, informações e acesso a objetos dessas vítimas, bem como contato com pessoas próximas e elas, possibilitando maior estratégia para monitora-las, baseadas nas informações que os agressores possuem. Vale ressaltar que em muitos casos, as vítimas possuem filhos com o agressor, o que cria um vínculo com estes, mesmo após o termino. Este é um ponto a se destacar quando nos referimos a vítimas do *stalking* nas relações intimas, o que difere por exemplo, do *stalking* por desconhecidos.

Já em relação ao que motivava os comportamentos de *stalking*, se destacam ciúmes, desconfiança e não aceitar o fim do relacionamento. Esses dados são confirmados por outros estudos, onde o ciúme e a desconfiança dos parceiros motivam principalmente os comportamentos de controle, monitoramento, perseguição e assédio, evidenciando a incapacidade dos *stalkers* em aceitar a rejeição de seus ex parceiros, utilizando esses comportamentos para vingança, causar medo, reatar ou manter alguma ligação com a vítima com o intuito de prolongar e manter o controle sobre a mesma. Podem ocorrer também o desejo de reatar e frente a rejeição do parceiro, iniciar o desejo de vingança e retaliação (Logan & Walker, 2009; Matos et al, 2006; Sheridan, Blauw & Davies, 2003; Kelly et al, 2015). A fala a seguir ilustra o que foi apontado.

P. 20: “*Ele pediu perdão de todas as maneiras, pra mim, pra minha mãe, pros meus filhos. Disse que não ia fazer isso nunca mais. Quando ele viu que não ia ter jeito, ele falou ‘ah, é; Vou te matar de todo jeito mesmo, pode esperar que eu vou te matar’.*”

A literatura também é convergente em apontar os prejuízos causados pelas situações de *stalking*, o que é corroborado pelo presente estudo (Alsaker, Moen, Baste & Morken, 2016;). Os achados mostram que as repercussões negativas acontecem em diversas áreas, sendo que os relacionamentos interpessoais, os aspectos psicológicos e o sentimento de medo foram os principais prejuízos causados. O medo é frequentemente relatado em estudos como um critério para a definição do *stalking*, o que revela que este como reação a situação de *stalking* é frequente. O medo aparece em outros estudos ligado ao sexo da vítima e do agressor, sendo que as mulheres vítimas relatam mais medo quando o *stalker* é um homem, o que pode explicar o grande número de relatos no presente estudo. Os comportamentos mais intrusivos também aparecem associados ao sentimento de medo, como aparecer em locais que a vítima frequenta, vigiar, perseguir a ameaçar (Matos et al, 2012).

Os prejuízos em relação aos relacionamentos interpessoais também foram relatados pelas vítimas, sendo que após as experiências de *stalking*, estas apresentavam dificuldade de iniciar outros relacionamentos, confiar nas pessoas e, devido ao controle exercido pelo *stalker*, as mesmas acabaram se afastando das pessoas próximas (Dressing, Kuehner & Gass et al., 2006). A seguir, algumas falas exemplificam os dados apresentados.

P. 6: *“Houve dano financeiro, houve dano moral, então assim, é muito puxado.”*

P. 14: *“Eu acho que o maior prejuízo foi ter ficado longe dos meus parentes, da minha mãe, e os meus filhos não terem conhecido eles. Faleceu dois irmãos meus e eu não tive muito contato com eles. Então, eu acho que o maior prejuízo foi o afeto da minha família comigo, foi o apoio deles comigo pra eu poder sair fora dele antes que acontecesse isso.”*

P. 17: *“Muitos danos emocionais, eu passei por períodos muito difíceis da minha vida por conta dessas... pra mim, hoje eu raciocinando, por eu... nunca desabafei, sempre mostrei vergonha, sempre reprimindo isso, e isso não é vergonha pra mim, é vergonha pra ele que fez.”*

P.20: *“Eu sou uma mulher presa, não posso fazer nada, sabe? Não posso ir a lugar nenhum, vivo pra cuidar dos filhos, da casa e dele. Não posso nem ir caçar serviço. O psicológico também tá afetado. As crianças são nervosas, são estressadas, tão sempre preocupados.”*

Para finalizar, os dados mostram que os episódios de agressão, o assédio persistente e as ameaças foram as principais motivações para a procura de ajuda. As agressões e as ameaças de morte foram as que mais apareceram nos relatos, evidenciando que o *stalking* ainda carece de um reconhecimento legal e social, o que pode ocasionar a valorização da sua experiência e fazer com que as vítimas procurem ajuda aos primeiros sinais e não apenas quando há a ocorrência de violência física ou

ameaça a vida. (Amar, 2007; Sheridan et al., 2003). Esses dados podem ser ilustrados pelas falas a seguir.

P. 16: *“Já era pra mim ter vindo, eu fiquei enrolando, enrolando, também por que eu tava trabalhando, nunca que vinha, vim pela ameaça”*

P. 19: *“É a primeira vez eu venho a delegacia, vou pedir a medida, por que se ele tá me ameaçando matar, como eu que eu vou fazer pra andar na rua! Eu não sei onde ele pode tá”*.

P. 29: *“Fica me perseguindo, andando atrás, tomando conta da minha vida, me bateu, ele nunca foi violento comigo, mas depois ele me bateu, foi quando eu fui na polícia e fiz o exame de corpo delito, e tal, tal, tal, e é isso.”*

Ainda, pode-se considerar que a percepção da gravidade dos comportamentos de *stalking* variam de acordo com o agressor, sendo apontado em alguns estudos que as mulheres tendem a considerar esses comportamentos mais sérios quando estes são perpetrados por desconhecido e atribuir pouca gravidade quando são perpetrados por parceiros íntimos, o que pode influenciar na decisão de procurar ajuda. O reconhecimento, por parte dessas mulheres, enquanto vítimas desses comportamentos também são fatores essenciais para a procura de ajuda. (Deitch-Stackhouse et al, 2015; Reyns & Englebrecht, 2014; Scott, Rajakaruna, Sheridan & Gavin, 2015).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *stalking* ou assédio persistente, apesar de ser debatido e estudado em trabalhos internacionais, ainda é escasso no cenário nacional. Como mostram muitos estudos, a ocorrência do *stalking* é frequente na violência entre parceiros íntimos, principalmente tendo a mulher como vítima. O presente trabalho foi uma tentativa de abordar o tema de forma exploratória em um recorte específico: mulheres que buscavam por ajuda na Delegacia de Atendimento à Mulher, com o objetivo de obter um conhecimento sobre o tema nesse contexto específico.

O presente trabalho mostrou que é frequente a ocorrência do *stalking* nos casos de violência entre parceiros íntimos, ocorrendo muitas vezes de forma concomitante a outros tipos de violência, como a violência física, psicológica e sexual. O estudo também mostrou que esses comportamentos são iniciados por ciúmes, desconfiança e se prolongam ou intensificam após o término como uma forma de vingança, retaliação, como forma de reatar a relação ou pelo agressor não aceitar o término. Durante o relacionamento existe uma busca pelo controle de certos comportamentos das vítimas, e um monitoramento, sendo comuns após o término, um assédio e perseguição a essas mulheres, geralmente motivados pelos aspectos elencados acima, como vingança e tentativa de reatar.

É importante perceber que muitos dos comportamentos listados pelas mulheres, são comportamentos que vistos de forma isolada e descontextualizados, podem ser considerados inofensivos e socialmente aceitos, como telefonar em busca de contato, controlar roupas, monitorar os lugares que a vítima frequenta ou pessoas com quem a vítima tem contato. Apesar de nem todas as mulheres relatarem o medo como consequência dos comportamentos de *stalking*, o impacto psicológico e nos

relacionamentos interpessoais são frequentemente relatados. Nos relatos marcantes sobre o *stalking*, muitas mulheres apresentaram como motivação para a procura de ajuda os episódios de violência física, mostrando que mesmo reconhecendo o *stalking* como um tipo de violência, essas mulheres ainda não veem como motivo principal para a procura de ajuda.

É importante considerar algumas limitações do estudo. Os achados são de mulheres que optaram por buscar ajuda nos meios formais (Delegacia de Atendimento à Mulher), não podendo ser generalizados para outros grupos e contextos, como mulheres que sofrem esses comportamentos violentos mas que não buscam por ajuda ou homens que sofrem com o *stalking*. A pesquisa também contou com um número reduzido de mulheres devido ao delineamento qualitativo, não podendo ser extrapolados para a população em geral.

Por ser um estudo exploratório e que partiu da perspectiva das vítimas, outras perspectivas são necessárias para a compreensão mais alargada do fenômeno, podendo ser abordados em futuros estudos, como a perspectiva dos *stakers*, suas motivações, o ponto de vista dos profissionais envolvidos, além de ser interessante um levantamento representativo da população em geral, em âmbito nacional. Apesar de tais limitações, espera-se que o presente trabalho tenha contribuído para a compreensão e desenvolvimento da temática do *stalking* e sua ocorrência na violência entre parceiros íntimos, chamando a atenção para esse fenômeno e sua importância, abrindo espaço para futuros trabalhos na área.

7. REFERÊNCIAS

- Acosta, D. F., Gomes, V. L., Fonseca, A. D., & Gomes, G. C. (2015). Violência Contra a Mulher por Parceiro Íntimo: (In)visibilidade do Problema. *Contexto Enfermagem*, 24 (1), 121-7. Doi: 10.1590.0104-07072015001770013
- Alsaker, K., Moen, B. E., Baste, V., & Morken, T. (2016). How has living with intimate partner violence affected the work situation? A qualitative study among abused women in Norway. *J Fam Viol*, 31, 479-487. doi: 10.1007/s10896-016-9806-2
- Amar, A. F. (2007). Behaviors That College Women Label as Stalking or Harassment. *Journal of the American Psychiatric Nurses Association*, 13(4), 210-220. doi: 10.1177/1078390307306289
- Azevedo, M. A. (1993). Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes. In M. A. Azevedo, & V. A. Guerra. *Infância e Violência doméstica: fronteiras do conhecimento* (p. 25-47). São Paulo: Cortez.
- Bandeira, L. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Brasília: Sociedade e Estado*, 24(2), 401-438.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). Imitation of film-mediated aggressive models. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 66 (1), 3-11.
- Bardin, L., (2011). Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- Basile, K. C., Hall, J. E., & Walters, M. L (2013). Expanding resource theory and feminist informed theory to explain intimate partner violence perpetration by court-ordered men. *Violence Against Women*, 19, 848. doi: 10.1177/1077801213497105
- Brandão, E. (2006). Renunciando de direitos? A problemática do enfrentamento público da violência contra a mulher: O caso da delegacia da mulher. *Rev. Saúde Coletiva*, 16 (2), 207-231.
- Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammond, S., & Smith, J. A. (Orgs.), Métodos de pesquisa em psicologia (3. ed.). (F. R. Elizalde, Trad.). (pp. 22-41). Porto Alegre, RS: Artmed.

- Breiding, M. J., & Armour, B. S. (2015). The association between disability and intimate partner violence in the United States. *Annals of Epidemiology*, 25, 455-457. doi: 2015.03.017 1047-2797
- Breiding, M. J., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., & Mahendra, R. (2015). Intimate Partner Violence Surveillance Uniform Definitions and Recommended Data Elements. *National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention*, Atlanta: Georgia.
- Breiding, M. J., Smith, S. G., Basile, K. C., Walters, M. L., Chen, J., & Merrick, M. S. M. T. (2014). Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate partner violence victimization - National intimate partner and sexual violence survey, United States, 2011. *MMWR Surveillance Summaries*, 63(8), 1-18.
- Brewster, M. (2003). Power and control dynamics in prestalking and stalking situations. *Journal of Family Violence*, 18(4), 207-217.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21 st century: Emerging questions, theoretical models, reserch designs and empirical findings. *Social development*, 9(1), 115-125.
- Bronfrenbrenner, U. (1978). *The Ecology of Human Development Experiments*. Cambrige: Harvard University Press.
- Caldwell, J. E., Swan, S. C., & Woodbrown, V. D. (2012). Gender differences in intimate partner violence outcomes psychology of violence. *American Psychological Association*, 2(1), 42-57. doi: 10.1037/a0026296
- Carvalho, C., Destro, J. R., Faust, S. B., Coelho, E. B. S., & Boing, A. F. (2010). Dinâmica da Violência entre Casais a partir da ótica da Mulher no bairro Trindade, Florianopolis, SC. *Cogitare Enfermagem*, 15 (4), 603-8
- Carvalho, C. F. M. (2012). Construção social da violência doméstica mediante a análise de autos de notícia e de denúncia da Polícia de Segurança Pública (PSP). Dissertação (Mestrado) – Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Carvalho, C. S. (2011). Ciberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado. Escola de Psicologia. Universidade do Minho, Portugal.
- Carvalho, C. S. M. (2012). Construção social da violência doméstica mediante a análise de autos de notícia e de denúncia da Polícia de Segurança Pública (PSP).

- Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Cattaneo, L. B., Cho, S., & Botuck, S. (2011). Describing intimate partner stalking over time: An effort to inform victim - Centered Service Provision. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(17), 3428-3454. doi: 10.1177/0886260511403745
- Centro de Estudos Jurídicos. (2013). Stalking: Abordagem penal e multidisciplinar. Lisboa, Portugal.
- Cezario, A. C. F., & Lourenço, L. M. (2013). Violência conjugal contra o homem: Uma análise bibliométrica. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(1), 144-156.
- Cheng, T. C., & Lo, C. C. (2015). Racial disparities in intimate partner violence and in seeking help with mental health. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(18), 3283 -3307. doi: 10.1177/0886260514555011
- Cho, H., Hong, J. S., & Logan, T. K. (2012). An ecological understanding of the risk factors associated with stalking behavior: Implications for social work practice. *Journal of Women and Social Work*, 27(4), 381-390. doi:10.1177/0886109912464474
- Coker, A. L., Follingstad, D. R., Bush, H. M., & Fisher., S. B. (2015). Are interpersonal violence rates higher among young women in college compared with those never attending college?. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(8), 1413-1429. doi: 10.1177/0886260514567958
- Conselho Nacional de Justiça [CNJ]. (2013). O poder Judiciário na aplicação da Lei Maria da Penha. Brasília-DF.
- Costa, S. M. F. (2011). "Stalking": prevalência junto de profissionais de saúde mental. Dissertação de Mestrado. Escola de Psicologia. Universidade do Minho, Portugal.
- Couto, M., Schraiber, L. B., d'Oliveira, A. F. P., & Kiss, L. B. (2007). Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11,1323-1332.
- Crossman, K. A., Hardesty, J. L., & Raffaelli, M. (2016). "He could scare me without laying a hand on me": Mothers' experiences of nonviolent coercive control during marriage and after separation. *Violence Against Women*, 22(4), 454-473. doi: 10.1177/1077801215604744

- Deitch-Stackhouse, J., Kenneavy, K., Thayer, R., Berkowitz, A., & Mascari, J. (2015). The influence of social norms on advancement through bystander stages for preventing interpersonal violence. *Violence Against Women*, 21(10), 1284-1307. doi: 10.1177/1077801215592720
- Dennison, S. M., & Thomson, D. M. (2005). Criticisms or plaudits for stalking laws? What psycholegal research tells us about proscribing stalking. *Psychology, Public Policy, and Law*, 11(3), 384-406. doi: 10.1037/1076-8971.11.3.384
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Silva, C. (2000). Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, 16(1), 129-137.
- Diniz, N. M. F., Santos, M. F. S., & Lopes, R. L. (2007). Representações Sociais da Família e Violência. *Rev Latino-am Enfermagem*, 15(6). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692007000600020>
- Dominguez, S., & Menjiv, C. (2014). Beyond individual and visible acts of violence: A framework to examine the lives of women in low-income neighborhoods. *Women's Studies International Forum*, 44, 184-195.
- Dressing, H., Kuehner, C., & Gass, P. (2006). The epidemiology and characteristics of stalking. *Current Opinion in Psychiatry*, 19, 395-399.
- Easteal, P., Holland, K., & Judd, K. (2015). Enduring themes and silences in media portrayals of violence against women. *Women's Studies International Forum*, 48, 103-113.
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., Barry, J. E., Moynihan, M. M., Banyard, V. L., Cohn, E. S., Walsh, W. A., & Ward, S. K. (2014). Physical dating violence, sexual violence, and unwanted pursuit victimization: A comparison of incidence rates among sexual-minority and heterosexual college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(4) 580-600. doi: 10.1177/0886260514535260
- Fazio, L., (2009). The legal situation on stalking among the european member states. *Eur J Crim Policy Res*, 15, 229-242. doi 10.1007/s10610-009-9101-3
- Ferreira, C., & Matos, M. (2012). Violência doméstica e stalking pós-rutura: Dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *Psicologia*, 23(2), 81-106.
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013). Post-relationship stalking: The experience of victims with and without history of partner abuse. *J Fam Viol*, 28, 393-402. doi: 10.1007/s10896-013-9501-5

- Ferreira, J. P. M., (2013). Stalking como forma de violência nas relações de namoro. Tese de Mestrado. Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Brasil.
- Fleming, K. N., Newton, T. L., Fernandez-Botran, R., Miller, J. J., & Burns, V. E. (2013). Intimate partner stalking victimization and posttraumatic stress symptoms in post abuse women. *Violence Against Women*, 18(12), 1368-1389.
- Fox, K. A., Nobles, M. R., & Akers, R. L. (2011). Is stalking a learned phenomenon? An empirical test of social learning theory. *Journal of Criminal Justice*, 39, 39-47. doi:10.1016/j.jcrimjus.2010.10.002
- Freud, S. (1980). O mal-estar na civilização. In , *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud* (Vol. x, pp. xx-xx). Rio de Janeiro: Editora Imago (Obra originalmente publicada em 1930).
- Gebara, C. F. P. (2009). Estudo das Crenças dos Agentes Comunitários de Saúde do Município de Lima Duarte em Relação à Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Gebara, C. F., Bhona, F. M., Vieira, M. T., Ferri, C. P., Lourenço, L. M., & Noto, A. R. (2013). Effectiveness of a brief intervention for alcohol consumption among Brazilian women in a household setting. *Addiction Science and Clinical Practice*, 8(1), 18-20. DOI: 10.1186-194006408sia31
- Grangeia, H., & Matos, M. (2012). Riscos associados ao stalking: Violência, persistência e reincidência. *Sociedade portuguesa de Psiquiatria e psicologia da justiça*, 5, 29-48.
- Hollister, B. A., & Scalora, M. J. (2015). Broadening campus threat assessment beyond mass shootings. *Aggression and Violent Behavior*, 25, 43-53.
- Johnson, M. P. (2009). Differentiating among types of domestic violence: Implications for Healthy marriages. *Violence against Women*, 12 (11), 1003-1018. Recuperado em <http://ocadvsa.org/wp-content/uploads/2014/04/Differentiation-Among-Types-of-Intimate-Partner-Violence.pdf>
- Katz, J., & Rich, H. (2015). Partner revictimization and post-breakup stalking, pursuit, and violence: A retrospective study of college women. *Journal Fam Violence*, 30,189-199. DOI 10.1007/s10896-014-9665-7

- Kelly, A. J., Dubbs, S. L., & Barlow, F. K. (2015). Social dominance orientation predicts heterosexual men's adverse reactions to romantic rejection. *Arch Sex Behav*, 44, 903-919. doi: 10.1007/s10508-014-0348-5
- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 175-184. doi:10.1590/S1413-294X2003000100020
- Kuehner, C., Gass, P., & Dressing, H. (2012). Mediating effects of stalking victimization on gender differences in mental health. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(2), 199-221. doi: 10.1177/0886260511416473
- Lee, M., Weber, M. R., & Kah, J. H. (2014). Exposure to family violence and attachment styles as predictors of dating violence perpetration among men and women: A mediational model. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(1), 20-43. doi: 10.1177/0886260513504644
- Lei Federal nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006, 7 de Agosto). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Recuperado em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm
- Logan, T. K., & Walker, R. (2009). Partner stalking psychological dominance or "business as usual"? *Trauma Violence Abuse*, 10, 247-270. doi: 10.1177/1524838009334461
- Lourenço, L. M. (1998). Violência e Crenças. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo.
- Lourenço, L. M. (2007). Um estudo de Crenças no que concerne ao consumo-tráfico de drogas enquanto causa da violência-agressividade. *Psicologia em pesquisa*. 1(1), 34-40.
- Luz, M. N. L. (2012). Tipificação do crime de stalking no código penal português. Tese de Mestrado. Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, Portugal.
- Machado, C., Matos, M., Saavedra, R., Cruz, O., Antunes, C., Pereira, M., Rato, A., Carvalho, C., & Capitão, L. (2009). Crenças e atitudes dos profissionais face à violência conjugal: Estudo com profissionais de saúde, policias e professores. *Acta Med Port*, 22(6), 735-742.
- Machado, M. R. A., Rodrigues, J. R., Prol, F. M., Silva, G. J., Ganzarolli, M. Z., & Elias, R. V. (2014). Disputando a aplicabilidade das leis: A constitucionalidade

da lei Maria da Penha nos Tribunais Brasileiros. SUR, *Revista Internacional de Direitos Humanos*.

- Magyarics, C. L., Lynch, K., Golding, J. M., & Lippert, A. (2015). The impact of frequency of behavior and type of contact on judgments involving a criminal stalking case. *Law and Human Behavior*, 39(6), 602-613. doi: 10.1037/lhb0000151
- Matos, M. A. V. (2006). Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Tese de doutorado. Faculdade de educação e Psicologia. Universidade do Minho, Portugal.
- Matos, M., Conde, R., & Peixoto, J., (2013). Vitimação múltipla feminina ao longo da vida: Uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 602-611.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2010). As vítimas de stalking na população portuguesa. Obtido de Stalking / assédio persistente - Grupo de Investigação sobre Stalking em Portugal (GISP): <http://www.stalkinggisp.com/index.php/stalking-em-portugal>
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011a). Inquérito de vitimação por stalking - Relatório de investigação. Universidade do Minho, Escola de Psicologia, Braga.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011b). Stalking: Boas práticas no apoio à vítima. Manual para profissionais. Comissão para cidadania e igualdade de gênero. Porto: Portugal.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2012). Vitimação por stalking: Preditores do medo. *Análise Psicológica*, 30 (1-2), 161-176.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1), 55-75.
- Melton, H. (2007). Predicting the occurrence of stalking in relationships characterized by domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(1), 3-25. doi: 10.1177/0886260506294994
- Menés, J. R., Puig, D., & Sobrino, C. (2014). Poly- and distinct- victimization in histories of violence against women. *J Fam Viol*, 29, 849–858. doi: 10.1007/s10896-014-9638
- Michaud, Y. (1989). A violência. São Paulo, Editora Ática.

- Minayo, M. C. S. (1994). A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública*, 10 (1), 07-18.
- Minayo, M. C. S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, e Departamento de Análise de Situação em Saúde. (2005). Impacto da Violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde. Brasília: DF Recuperado em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf
- Ministério da Saúde. (2001). *Portaria MS/GM n.º 737 de 16/05/01 sobre a Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências*. (Diário Oficial da União, Brasília, n. 96, Seção 1). Recuperado em http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/Port_737_polt_reducao_acid_morbimortalidade.pdf
- Moura, M. A. V., Netto, L. A., & Souza, M. H. N. (2012). Perfil Sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. *Esc Anna Nery*, 16 (3), 435-442.
- Ojanena, T. T., Boonmongkona, P., Samakkeekarom, R., Samoh, N., Cholratana, M., & Guadamuz, T. E. (2015). Connections between online harassment and offline violence among Youth in Central Thailand. *Child Abuse & Neglect*, 44, 159-169.
- Patton, L. C., Nobles, M. R., & Fox, K. A. (2010). Look who's stalking: Obsessive pursuit and attachment theory. *Journal of Criminal Justice*, 38, 282-290. doi:10.1016/j.jcrimjus.2010.02.013
- Presidência da República e Secretaria de Políticas para as Mulheres. (2013). Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: DF. Recuperado em <http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/publicacoes/pnpm-2013-2015-em-22ago13.pdf>
- Reichenheim, M. E., Souza, E. R., Moraes, C. L., Jorge, M. H. P., Silva, C. M. F., & Minayo, M. C. (2011). Violence and injuries in Brazil: The effect, progress made, and challenges ahead, *Lancet*, 377, 1962-1975. doi:10.1016/S0140
- Reyns, B. W., & Englebrecht, C. M. (2010). The stalking victim's decision to contact the police: A test of Gottfredson and Gottfredson's theory of criminal justice decision making. *Journal of Criminal Justice*, 38, 998-1005. doi:10.1016/j.jcrimjus.2010.07.001

- Reyns, B. W., & Englebrecht, C. M. (2015). Informal and formal help-seeking decisions of stalking victims in the United States. *Criminal Justice and Behavior*, 41 (10), 1178-1194. doi: 10.1177/0093854814541441
- Roberts, K. A. (2005). Women's experience of violence during stalking by former romantic partners: Factors predictive of stalking violence. *Violence against women*, 11(1), 89-114. doi: 10.1177/1077801204271096
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia Social* (22ª ed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Roldán, M. C. B., Galera, S. A. F., & B O'Brien, B. (2005). Percepção do papel materno das mulheres que vivem no contexto da droga e da violência. *Rev Latino-am Enfermagem*, 13(número especial). Recuperado em http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13nspe2/pt_v13nspe2a04.pdf
- Schraiber, L. B., D'Oliveira, A. F., Junior, I. B. F., Diniz, S., Portella, A. P., Ludermir, A. B., Valença, O., & Couto, M. T. (2007). Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev Saúde Pública*, 41(5), 797-807.
- Scott, A. J., Rajakaruna, N., Sheridan, L., Gavin, J. (2015). International perceptions of relational stalking: The influence of prior relationship, perpetrator sex, target sex, and participant sex. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(18), 3308-3323. doi: 10.1177/0886260514555012
- Senkans, S., McEwana, T. E., Skues, J., & Ogloff, J. R. P. (2016). Development of a relational rumination questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 90, 27-35.
- Senra, L. X., Almeida, A. A.; Andrade, G. C., Basilio, C., Koga, B. M., Kiemy, J., Stroppa, T., Bhone, F. M. C., Lourenço, L. M., & Baptista, M. N. (2011). Construção da Escala Brasileira para identificação de violência entre parceiros íntimos. In: I Symposium Internacional sobre abuso psicológico: aspectos clínicos, sociais y educativos, 2011, Granada-ES. El abuso psicológico en la actualidad - Actas del I Symposium internacional sobre abuso psicológico: aspectos clínicos, sociales y educativos. Granada-ES: Fundación VECA para el avance de la Psicología Clínica Conductual, 2011. v. 1. p. 38-38.
- Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: Knowns and unknowns. *Trauma, Violence, & Abuse*, 4(2), 148-162. doi: 10.1177/1524838002250766

- Sheridan, L., Davies, G., & Boon, J. (2001). Stalking: perceptions and prevalence. *Journal of Interpersonal Violence*, 16(2), 151-167. doi: 10.1177/088626001016002004
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Strauss, C. (2015). Stalking in college student dating relationships: A descriptive investigation. *J Fam Viol*, 30, 935-942. doi: 10.1007/s10896-015-9717-7
- Silva, M. A., & Ferriani, M G. C. (2007). Violência doméstica: Do visível ao invisível. *Rev Latino-am Enfermagem*,15(2). Recuperado em http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a13.pdf
- Sinclair, H. C. (2012). Stalking myth-attributions: Examining the role of individual and contextual variables on attributions in unwanted pursuit scenarios. *Sex Roles*, 66, 378-391. doi: 10.1007/s11199-010-9853-8 19
- Stelko-Pereira, A. C., & Willians, L. C. A. (2010). Sobre o conceito de violência: Distinções necessárias. In L. C. A. Willians, J. M. D. Maia & K. S. A. Rios (Eds). *Aspectos Psicológicos da Violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental*, (pp. 41-66). Santo André: EsEtec Editores
- Swan, S. C., & Sullivan, T. P. (2009). The resource utilization of women who use violence in intimate relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(6), 940-958. doi: 10.1177/0886260508319365
- Tondowski, S. C., Feijó, M. R., Silva, E. A., Gebarac, C., F. P., Sanchez, Z. M., & Noto, A. R. (2014). Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: Um estudo baseado em genogramas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(4), 806-814. doi: 10.1590/1678-7153.201427421ISSN
- Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. (2015). Secretária de Transparência, Senado Federal, Brasília, DF.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: DF. Recuperado em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf
- World Health Organization [WHO]. (2002). *World report in violence and health*. Geneve: WHO.
- World Health Organization [WHO]. (2008). *Progress in preventing injuries in the WHO European region*. Rome: WHO.

- World Health Organization [WHO]. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence* (p.55). Geneva: WHO.
- Xavier, M. (2008). Arendt, young e humanismo: Um olhar interdisciplinar sobre a violência. *Saúde Social*, 17(3), 19-32. doi: 10.1590/S0104-12902008000300004

APÊNDICE A

Questionário de Rastreo

O Assédio Persistente (*Stalking*) consiste em um interesse e uma atenção continuada, de forma persistente, mas que são indesejados para a pessoa que é alvo.

Você já foi alvo desse tipo de assédio em algum momento de sua vida?

Sim Não

Essa pessoa é:

Alguém com quem você atualmente tem uma relação de intimidade (parceiro(a) íntimo(a), namorado/a, marido/mulher, etc).

Alguém com quem você teve uma relação de intimidade mas já acabou (ex-parceiro(a) íntimo(a), ex- marido/mulher, ex- namorado/a, etc).

Um conhecido/a, colega, amigo/a, vizinho/a ou familiar

Um desconhecido

Outro. Quem: _____

Marque abaixo os comportamentos dos quais você foi alvo por parte dessa pessoa

Me perseguiu

Tentou entrar e contato comigo

Me ameaçou ou ameaçou pessoas próximas

Me filmou ou tirou fotografias sem autorização

Mexeu, pegou ou roubou objetos pessoais meus

Invadiu ou forçou a entrada em minha casa

Apareceu em locais que costumo frequentar

Ameaçou fazer mal a si próprio

Me vigiou ou pediu alguém pra me vigiar

Me agrediu

Agrediu ou prejudicou alguém próximo a mim

Outros comportamentos: _____

Obrigada Pela Participação!

APÊNDICE B

Questionário Socioeconômico

1) **Idade:** _____ anos

2) **Cor/Raça/Etnia:**

- () Branco () Amarelo
() Preto () Indígena
() Pardo Outro: _____

3) **Religião:**

- () Não tem () Judaica
() Católica () Evangélica/Protestante
() Espírita () Orientais/Budismo
() Afrobrasileira (8) Outras: _____

4) **Estado Civil:**

- () Casado (formalmente)
() União estável (mora junto)
() Solteiro
() Viúvo
() Divorciado/ Desquitado
() União estável homoafetiva

5) **Escolaridade:**

- () Analfabeto
() Ensino Fundamental Incompleto
() Fundamental Completo
() Ensino Médio Incompleto
() Ensino Médio Completo
() Ensino Superior Incompleto
() Ensino Superior Completo

Pós Graduado

6) Trabalha com carteira assinada?

Sim Não Não se aplica

7) Renda individual mensal:

Nenhuma

Menor que 1 salário mínimo

Entre 1 e 2 salários mínimos

Entre 3 e 6 salários mínimos

Entre 7 e 12 salários mínimos

Acima de 12 salários mínimos

8) Você faz uso de bebida alcoólica?

Sim Não

9) Se sim, com que frequência?

Todos os dias

Fim de semana

4 vezes por mês

1 vez por mês

Outras

Quantas: _____

10) Faz uso de alguma droga?

Sim Não

Se sim, com que frequência? _____

Qual a substância: _____

Obrigada Pela Participação!

APÊNDICE C

Entrevista Semiestruturada

Vítimas

Muito obrigada por aceitar o convite para participar dessa pesquisa acerca do Assédio Persistente (*Stalking*) na Violência Entre Parceiros Íntimos. Sua participação é muito importante, pois os resultados poderão nos ajudar a compreender melhor esse fenômeno. Você tem o direito de interromper e se retirar da entrevista a qualquer momento. Essa entrevista será gravada e as informações relatadas serão mantidas em anonimato.

- 1- Qual a relação que você mantém/mantinha com a pessoa da qual você foi alvo de assédio (*Stalking*)?
- 2- Por quanto tempo você foi alvo da perseguição/assédio?
- 3- Como foi sua experiência de assédio (*stalking*)? Quais comportamentos estavam envolvidos? Quais os comportamentos estavam envolvidos na sua experiência de Violência entre Parceiros Íntimos?
- 4- Em que momento o *Stalking* acontecia/acontece?
- 5- O que motivava os comportamentos de *stalking*?
- 6- Quais as consequências do *stalking* na sua vida?
- 7- Por que você decidiu procurar ajuda nesse momento?

Obrigada Pela Participação!

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**O Assédio Persistente (Stalking) na Violência entre Parceiros Íntimos: A Perspectivas das Vítimas e Profissionais**”. Nesta pesquisa pretendemos abordar a ocorrência do *Stalking* no município de Juiz de Fora - MG, por meio das perspectivas das mulheres vítimas, de forma a se obter as experiências, crenças, e opiniões destes sobre o *Stalking* (assédio persistente) afim de se compreender como tal fenômeno ocorre.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: a) Questionário de rastreio às vítimas do *Stalking* na Violência Entre Parceiros Íntimos (VPI); b) Entrevistas individuais semiestruturadas com mulheres que forem identificadas como vítimas do *Stalking* no contexto da VPI. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras, como conversar, tomar banho, ler, etc. A pesquisa contribuirá para maior compreensão do *Stalking* (assédio persistente) e a relevância do seu entendimento dentro da violência Entre Parceiros íntimos.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **Núcleo de Estudos em violência e Ansiedade Social- NEVAS**, e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável

por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “ **O Stalking na Violência Entre Parceiros Íntimos: A Perspectiva das Vítimas e Profissionais**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Nome
Data

Assinatura participante

Nome
Data

Assinatura pesquisador

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano-UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Pesquisador Responsável: Natalice do Carmo Lopes

Rua Santos Dumont, 170/402, Grambery, Juiz de Fora – MG.

CEP: 36016-490

Fone: (31) 8325-9486

E-mail: natalicecarmo@gmail.com

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ASSÉDIO PERSISTENTE NA VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: A PERSPECTIVA DAS VÍTIMAS E PROFISSIONAIS

Pesquisador: Natalice do Carmo Lopes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 50899415.0.0000.5147

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.416.201

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto esta clara e detalhada de forma objetiva. Descreve as bases científicas que justificam o estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta de estudo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Identificação dos riscos e as possibilidades de desconfortos e benefícios esperados, estão adequadamente descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está em configuração adequada e há apresentação de declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável da instituição onde será realizada a pesquisa. Apresentou de forma adequada o termo de Consentimento Livre e

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@uff.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



Continuação do Parecer: 1.416.201

Esclarecido. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: Fevereiro de 2017.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_574945.pdf	18/02/2016 15:26:34		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	18/02/2016 15:25:42	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	18/02/2016 15:23:45	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	apendice_projeto.docx	11/11/2015 18:19:31	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_sigilo.doc	11/11/2015 18:11:28	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_delegada.doc	11/11/2015 18:10:03	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e	declaracao_delegada.pdf	11/11/2015 18:09:50	Natalice do Carmo Lopes	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



Continuação do Parecer: 1.416.201

Infraestrutura	declaracao_delegada.pdf	11/11/2015 18:09:50	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_cpa.doc	11/11/2015 18:09:28	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_cpa.pdf	11/11/2015 18:09:15	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declatacao_casadamulher.doc	11/11/2015 18:08:53	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_casadamulher.pdf	11/11/2015 18:08:15	Natalice do Carmo Lopes	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	11/11/2015 17:59:32	Natalice do Carmo Lopes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 19 de Fevereiro de 2016

Assinado por:
Francis Ricardo dos Reis Justi
(Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
UF: MG Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Página 03 de 03

ANEXO II



Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher- DEAM

DECLARAÇÃO

Eu, **Carolina Gonçalves Magalhães**, na qualidade de responsável pela **Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher- DEAM**, autorizo a realização de a pesquisa intitulada “**O Stalking na Violência entre Parceiros Íntimos: A perspectiva das vítimas e profissionais**” a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **Natalice do Carmo Lopes**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFJF para a referida pesquisa.

Juiz de Fora, 19 de Agosto de 2015.

ASSINATURA

Assinatura manuscrita de Carolina Gonçalves Magalhães sobre uma linha horizontal.

ANEXO III



Casa da Mulher Centro de Referência Juiz de Fora

DECLARAÇÃO

Eu **Rose França**, na qualidade de responsável pela **Casa da Mulher Centro de Referência**, autorizo a realização de a pesquisa intitulada “**O Stalking na Violência entre Parceiros Íntimos: A perspectiva das vítimas e profissionais**” a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **Natalice do Carmo Lopes**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFJF para a referida pesquisa.

Juiz de Fora, 19 de Agosto de 2015.

ASSINATURA 
Rose França
CASA DA MULHER
CENTRO DE REFERÊNCIA

